



RB170,740



PURCHASED FOR THE
UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY
FROM THE
HUMANITIES RESEARCH COUNCIL
SPECIAL GRANT
FOR
Libretto Collections

A AFRICANA

OPERA EM 5 ACTOS

POESIA DE

EUGENIO SCRIBE

VERTIDA EM ITALIANO

POR

M. MARCELLO

E MUSICA DE

G. MEYERBEER



LISBOA

TYPOGRAPHIA DE COSTA SANCHES

40, Calçada do Sacramento, 40

1869

ADVERTENCIA

A empresa deste theatro intendeu conveniente tirar a feição historica ao libreto da *Africana*, e intendeu bem. As tradições gloriosas dos nossos descobrimentos maritimos, não esmorecem de certo por Scribe se ter lembrado de fazer de um dos nossos mais audaciosos e illustres navegadores um ridiculo personagem, como o pôde idear a phantasia apoucada de qualquer vaudevillista; no entanto, é sempre repugnante, seja para que individuo fôr, e muito mais a um publico inteiro, ter de assistir á exposição de um enredo, onde antes se amesquinha um dos maiores factos da sua historia, do que se desenha com os verdadeiros conhecimentos gravados na memoria de todos.

Na *Africana* nada subsiste de verdadeiro, e, por conseguinte, de historico, senão o nome de Vasco da Gama. Ao proprio antecessor do feliz argonauta, a Bartholomeu Dias, chama Scribe *Bernardo Dias*!

Historia, geographia ethnographia, n'uma palavra todos os conhecimentos subsidiarios de uma obra que toma para assumpto um facto historico, e conhecido, e bem notorio, e preclaro, nada disto se encontra no libreto, notavel só pela leviandade e ignorancia com que foi concebido e depois escripto.

Nós, em portuguez, temos um drama, *Os portuguezes na India*, do sr. Antonio Augusto Corrêa de Lacerda, cuja inesperada e desastrosa morte os seus amigos acabam de sentir, que, sem ser uma obra acabada, como quadro dramatico, abrange todavia o mesmo intento, que é fazer pomposa mostra da

sumptuosidade do nosso poder n'aquellas regiões, onde o valor temerario dos portuguezes foi tão largamente retribuido pelas ricas parças dos potentados que avassalou. Sem tamanhos absurdos, sem desprezar a historia, podia Scribe servir-se do trabalho do sr. Lacerda, e crear sobre elle um apparatuso libreto, que servisse de estimulo e de quadro ao famoso maestro allemão para architectar os seus notaveis monumentos musicaes.

Mas Scribe ignorava a existencia do drama portuguez, o que não admira, porque, a julgar pelo seu libreto da *Africana*, ignora cousas muito mais essenciaes, e intendeu adquado lançar mão de um velho dramalhão do repertorio hespanhol, por titulo *Christovão Colombo, ou a conquista de Granada*, de que se aproveitou, por inteiro, nas scenas, VI e VII, do 1.º acto; e foi decerto este copiar sem criterio, que o levou a pôr a inquisição em Portugal no reinado de D. Manoel, quando é bem sabido que a inquisição sò foi instituida depois, no tempo do seu successor, D. João III, em 1536.

Mas estes anachorismos ainda seriam desculpaveis, se d'elles resultasse effeito dramatico, ou alguma apreciavel combinação para o libreto. Porém nada d'isto. A inquisição é alli trazida para personificar a opposição ignara e rancorosa ás idéas audazes do illustre descobridor, opposição que Vasco da Gama nunca teve em Portugal, onde, n'aquella era, pelo contrario, se padecia até da *febre das conquistas*, como é facil de conhecer pela leitura das obras de Manuel de Faria Severim. Porém como no drama hispanhol, a que me referi, lá está a inquisição a perseguir o intento de Christovão Colombo, isto é, o obscurantismo fanatico a contrapor-se ao progresso do espirito humano, Scribe não curou de ver se esta ordem de factos se ageitava ao que se passava entre nós, e fez-nos hespanhoes á força.

Não é isto, comtudo, que lhe devemos levar tanto a mal, visto não passar das scenas de um libreto, porém sim a fábula redicula que depois urde, cuja ignorancia transpira logo no proprio titulo.

Á heroína da ópera chama elle a africana, e todavia esta *africana* não é de Africa, mas sim uma rainha do Indostão!...

... è di là (isto é, do Industão) che il mio fragil canoto
Colto da la tempesta, in mar tranquillo,
Ripercosso dall'onde, in preda ai venti,
Alfin sospinto fu
Nei tristi lidi della schiavitù.

São palavras do libreto.

N'outros versos, declara positivamente Vasco da Gama que

... *tutto svela*
Che d'oltre Africa vengano costoro,

isto é, que tudo patentea, que d'alem da Africa vinham aquellos escravos, Nelusko e Selika, que dá o nome à opera.

Mas esboçemos em breves traços a intriga do libreto, para mostrar que era incompativel deixar alli permanecer o nome de Vasco da Gama, sem injuria para o nosso publico, ainda o menos esclarecido e exigente.

E' sobretudo notorio que Vasco da Gama se tornou celebrado como argonauta intrepido, e feliz descobridor da India. Pois são estas mesmas qualidades que lhe rouba Scribe. O aventureiro almirante, na *Africana*, não passa de um pobre homem, a quem Selika ensina a passagem da India, indicando-lh'a no mappa (uma selvagem e saber geographia!... Que cassoadá!), e a quem elle paga tamanho beneficio, aceitando-a por esposa, afim de subtrahir-se á morte, fugindo-lhe logo depois, tanto que se lhe proporciona o lance!

Já viram maior desconchavo?!

O Vasco da Gama historico parte do Tejo, em 1497, n'uma armada de quatro náus. Anima esta empresa o desejo de levar a cabo o descobrimento da India, complemento glorioso de antecedentes expedições maritimas. Não ha opposição a que a frota parta, nem a que o almirante se arrisque ás incertezas d'aquellas longiquas paragens, ha, pelo contrario, a anciedade conquistadora, que nos tornou os primeiros navegantes d'aquellas eras, audacia de que resultou um dos primeiros e mais valiosos passos para a civilisação moderna.

Note-se que já antes de Vasco da Gama, em 1486, Bartholomeu Dias, e não Bernardo Dias, como lhe chama Scribe, havia dobrado o famoso promontorio, que, pelos perigos de navegação que o rodeiam, suscitou o nome de *Cabo das Tormentas* ao impavido navegador, e a Camões a sublime fabula do Adamaster. D. João II, porém, confiando que alli estava a porta aberta para a conquista de novos e ricos dominios, substituiu-lhe a denominação pela mais auspiciosa de *Cabo de Boa Esperança*.

No libreto tudo isto se altera, e sem necessidade. O cabo dá-se como não dobrado, e a passagem da India ainda como desconhecida; a Bartholomeu Dias como ignorado o seu destino, naufragado, e perdida toda a frota que levava, quando elle voltou ao reino, onde foi celebrado o feito pelo monarcha portuguez e festejado pela Europa inteira.

Na *Africana*, Vasco da Gama parte de Lisboa, n'uma po-

sição obscura e subalterna, e tão subalterna, que quando D. Ignez pergunta por elle, na occasião que annunciam a perda da esquadra, D. Pedro responde-lhe que ninguem o conhece.

Depois Vasco da Gama, o de Scribe, compra n'um mercado de negros na Cafraria, (um mercado de negros na Cafraria!) dois escravos, Selika e Nelusko, que vieram alli parar, trazidos por temporaes n'uma canoa lá das bandas do Indostão, sua patria, e onde Selika é princeza herdeira da coroa.

Pense-se bem nesta vinda dos dois escravos das alturas do Ceilão até á Ethiopia! Que de legoas atravez de mares tormentosos n'uma piroga! Scribe nunca olharia para um mappa geographico?

É enfim com estes dois escravos que o Vasco da Gama da *Africana* volve á Europa, os quaes lhe servem de documento vivo para demonstrar a existencia de terras habitadas alem do cabo.

A inquisição contudo toma-o por visionario; elle vocifera, e afinal é mettido n'um dos carcerees d'aquelle fanatico tribunal, mas carcere onde todos entram e saem, como se não fosse uma das condições peculiares d'aquellas pavorosas masmorras a isolação absoluta de todo o contacto exterior.

É neste carcere que Selika ensina a Vasco da Gama a passagem da India, quando o vê a scismar, com os olhos pregados no mappa.

D. Ignez obtem o perdão de Vasco da Gama, que sahe da Inquisição, alcança um navio e se põe a caminho dos mares da India.

Mas o commando da expedição ainda não é dado a elle, senão a um tal D. Pedro, *presidente do conselho do rei de Portugal*. Vejam que ancia de atassalhar a historia!

A bordo dos navios de D. Pedro vão os dois escravos; e Nelusko, a quem, *como pratico*, é confiada a rota da esquadra, faz logo que parte dos navios se percam, e quanto á nau almirante, dispõe elle as cousas de maneira, que em certa altura é abordada por uma nuvem de chalupas de naturaes da sua terra, que a tomam, levando todos os portuguezes prisioneiros.

Notem como o selvagem, aqui da Europa, havia concertado esta surpresa, como se para alli houvesse já telegrapho electrico, e como uma porção de canoas se atrevesse com um galão de alto bordo!

Vasco da Gama tambem fica prisioneiro e é condemnado a morrer, porque Nelusko, que tece aqui a intriga, o odeia como rival feliz.

É neste lance que Selika declara que Vasco da Gama não pode ser condemnado á morte como estrangeiro que ousasse

tocar aquella terra vedada a todos que não sejam seus natu-
raes, porque Vasco da Gama é seu esposo.

Esta lembrança toca o sublime do desvario, porque, se-
gundo a seita de Brahma, que não tolera a menor ligação ci-
vil fóra da sua communhão, a declaração de Selika, em vez
de salvar Vasco da Gama, condemnava-o, e tambem a ella, a pe-
recerem sem haver nada que os salvasse.

Mas não está aqui sómente o erro historico, senão tam-
bem em levar Vasco da Gama a terras, onde dominava a re-
ligião Brahmanica, pois é sabido que Vasco da Gama, que che-
gou apenas até Calecut, não communicou senão com povos da
raça arabe, como é facil de averiguar em João de Barros, e
até nos *Luziadas*, e que seguiam a lei de Mafoma, e não o
Brahmismo.

Vê-se pois que toda esta parte do libreto é falsa e con-
traditoria da historia,

Não prosigo. Custa até a correr a penna por entre tan-
ta prova de ignorancia e leveza de espirito. Scribe tinha lar-
ga tella, nas audaciosas emprezas do illustre navegador, por
onde podesse cortar, sem ferir de todo a verdade historica,
nem esquecer o que se deve á fama de um grande nome. Es-
queceu tudo. Pegou de Vasco da Gama, e submetteu-o ás in-
jurias d'um enredo de vaudeville.

Era isto que nós não podiamos deixar passar. O persona-
gem portuguez não está unicamente desfigurado, quanto aos suc-
cessos da historia, está ridiculo, está desconsiderado moral-
mente. Não houve de certo intenção nisto, houve apenas
leviandade e ignorancia. Mas o publico de S. Carlos não
podia sancionar, com a sua presença, erros tão condemna-
veis, e por isso a empresa intendeu, e intendeu bem, que o
melhor era apagar as referencias historicas, sem comtudo se
mecher na estructura do libreto.

Foi o que se fez, tão sómente. Tudo que fosse além des-
tes limites, isto é dar coherencia e verdade historica ao tra-
balho de Scribe, importava em fazer um folheto novo. Ficá-
mos pois em tirar da opera tudo que alludia a Portugal, tra-
balho que obsequiosamente devemos a um dos nossos homens
mais illustrados e conhecedores do idioma italiano. Fallo do sr.
conselheiro Vialle.

Aqui temos portanto a que se reduziram as modificações
feitas no libreto, que de certo terão a approvação d'aquelles
que comprehendem estas rasões de melindre nacional, que
somos todos nós.

J. M. de Andrade Ferreira.

PERSONAGENS

D. PEDRO, primeiro ministro..... *Sr. Galvani.*

D. DIOGO, almirante..... « *Lisboa.*

D. IGNEZ, sua filha.....*Sr.^a Corradi.*

GUIDO DE AREZZO, navegante.... *Sr. Naudin.*

D. ALVARO, membro do conselho.. « *Sinigaglia.*

NELUSKO, escravo..... « *Merly.*

SELIKA, escrava.....*Sr.^a Rey-Balla.*

O GRANDE SACERDOTE DE BRAH-
MA..... *Sr. Galvani.*

ANNA, confidente de D. Ignez.....*Sr.^a Grassi.*

O PRESIDENTE DO CONSELHO... *Sr. Reduzzi.*

Um porteiro	} « <i>Manfredi:</i>
Um official		

Um sacerdote..... *N. N.*

Officiaes de marinha — Bispos — Porteiros — Membros do conselho do rei — Sacerdotes de Brahma — Indios — Soldados e Marinheiros.

PERSONAGENS

D. PEDRO, primeiro ministro..... Sr.

D. DIOGO, almirante..... «

D. IGNEZ, sua filha.....Sr.^a

GUIDO DE AREZZO, navegante.... Sr.

D. ALVARO, membro do conselho.. Sr.

NELUSKO, escravo..... Sr.

SELIKA, escrava.....Sr.^a

O GRANDE SACERDOTE DE BRAH-
MA..... Sr.

ANNA, confidente de D. Ignez.....Sr.^a

O PRESIDENTE DO CONSELHO... Sr.

Um porteiro }
Um sacerdote } Sr.

Officiaes de marinha — Bispos — Porteiros — Membros do con-
selho do rei — Sacerdotes de Brahma — Indios — Soldados
e Marinheiros.

ATTO PRIMO

SCENA I

L'aula del Consiglio.

Porte in fondo, porte laterali : a diritta il seggio del presidente
sopra un palco : intorno ad esso i posti dei consiglieri.

INEZ ed **ANNA**.

Inez (entrando assai turbata rivolgendosi ad Anna.)

Ahimè, che intendo !. : In questo loco adunque
Chiede parlarmi il padre ?

Anna. Per cagion assai grave ei qui vi chiama.

Inez Che mai vorrà !. . . Pavento

E spero ad un momento. . .

Che si sa della flotta e del mio Guido !

Anna Voi l'aspettate ancora,

Dopo due anni ?

Inez Io spero, io spero ognora !

Se non sperassi più,

Meglio saria morir ;

Insiem con lui lassù,

Nel ciel, vorrei salir !

Non sai, solo per me, caldo di gloria,

Del amico dividendo

I travagli e i sudor, sfidando i venti,

Di nuove terre in cerca, il mar percorre. . .

Io sarò sua, premio della vittoria !

Protetto dall'amor

Guido trionferà. . .

Ei tornerà :

Mel dice il cor !

La sua canzon

E notte e di rammento ;

Quel così caro e lamentoso accento,

ACTO I

SCENA I

Sala do conselho.

Porta ao fundo e lateraes : á direita, a cadeira do presidente sobre um estrado, e em volta os assentos dos conselheiros.

IGNEZ E ANNA

Ignez. (*entrando manifestamente perturbada, e voltando-se para Anna.*) Ai de mim! que ouvi eu! É pois neste logar que me quer ver meu pae!

Anna E para objecto grave vos chama, senhora.

Ignez. Que será?! Tremo e confio ao mesmo tempo... Que se sabe da armada e do meu Guido?

Anna. Pois que, ainda o esperaes, depois de dois annos?

Ignez. Espero, e espero sempre. Se o não esperasse já, melhor me seria morrer. Junta com elle, ao ceo queria subir. Não sabes tu, que só por minha causa, inflammado pela gloria, e com o amigo partilhando as fadigas, os perigos, e desafiando as tempestades, em demanda de novas regiões, não sabes tu que os mares percorre? Serei sua, em premio da victoria. Protegido por amor, Guido ha-de triumphar, e voltará. Diz-m'o o coração. A sua canção, todos os dias a recordo, aquelle lamentoso e querido canto que soltou debaixo

Che sotto il mio balcon,
 Quand'egli mi lasciò,
 Confuso a'suoi sospir ei mi cantò
 (*con acento commosso ripetendo la canzone.*)
 Addio, terra nativa;
 Addio, mio solo amor;
 Mia cara patria riva,
 Ti lascio con dolor.
 Per essa ch'amo tanto
 È l'ultimo sospir...
 Ah l'eco del mio pianto
 Almen potesse udir!
 Amor mio primiero.
 Scordarti non so...
 A questo pensiero
 Fedele morrò!

SCENA II

DON DIEGO, poi **DON PEDRO** e dette.

(*facendosi innanzi a don Diego.*)

Inez O padre, mi chiedeste?...

Die. O figlia, dèi saper, pria che il Consiglio
 S'aduni in questo luogo,
 Qual sia l'illustre sposo
 Che per sommo favor a te destina
 Generoso il monarca... Egli è don Pedro.

Inez Ah, no! giammai!... mio padre!

Die. Il re lo vuol ed io lo vo'! Ritrarti
 Non puoi... Sarebbe omai spergiura farti.
 (*abbassando la voce*)

Immola a questo imen
 L'amor che ti ferì:
 Vil uom non ti convien...

Inez Ei sará grande un dì! (*con foco*)
 Il suo spirito altier...

da minha janella, quando me deixou cousternada e entre suspiros!.. *(com voz commovida repete a canção)* Adeus terra natal, adeus meu unico amor! Margens da patria cara, eu te deixo com dôr! Para essa que tanto amo, é o meu derradeiro alento. Ah! podesse ella onvir o ecco do meu prauto! Meu amor primeiro, nunca te poderei esquecer, e fiel a este pensamento saberei morrer!

SCENA II

D. **DIOGO**, e depois D. **PEDRO**, e os ditos.

Ignez. *(apresentando-se a D. Diogo)* Meu pae, chamastes-me?

D. *Dio.* Filha, deves saber, antes que o conselho se reuna neste recinto, qual ha-de ser o esposo, que, por summa contemplação te destina tão generosamente o monarcha... É D. Pedro.

Ignez. Não!... jamais! meu pae!

D. *Dio.* O rei o determina e eu tambem. Não podes escusar-te. Serias para sempre perjura *(bairando a voz)* Sacrifica a este consorcio o affecto que te prende. Não te convem um homem obscuro.

Ignez. Será grande um dia. *(com vehemencia)* Seus espiritos altivos...

Die.

Alla rovina

Lo trasse. (*In questo punto entra don Pedro*)
 (*volgendosi a don Pedro, a cui nell'entrare un usciere ha consegnate alcune carte ch'ei percorre*)

Saria ver l'infausto grido

Che corre dal mattin,

Che del gran ammiraglio annuncia il fin?

Ped.

Falliro i suoi disegni: atre tempeste

Balestràr le sue navi

Sovra lido deserto,

Il ciel lo colse! Il suo disastro è certo.

*Inez*Ed egli pur perì? (*palpitante*)*Ped.*

Finor s'ignora.

Inez

E il suo fedel. Guido d'Arezzo, vive

Ancor! (*tremando della risposta*)*Ped.*(*con sprezzo*) Guido d'Arezzo

E chi si cura di tal gente ignota,

Chi mai, chi mai?... Peraltro,

Infra i morti... (*mostrandole il rapporto che hr in mano*)

Guardate!... Eccolo qui!

Inez(*dopo aver gettata un'occhiata sulla carta*)

(Ora ti spezza o cor: egli morì!!)

Inez(*immersa sempre nella sua meditazione*)

(Lontan da la patria

Allor che tu spiri,

Ricevi i sospiri

Estremi del cor...)

Amore primiero,

Scordarti non so.

A questo pensiero

Fedele morirò.

(*Inez afflittissima si ritrae, accompagnata da Anna*)*Ped.*La nuova inaspettata (*a don Diego*)

Perchè turbar la dec si fieramente?

Saria possibil mai

Dio. À ruina o arrastam. (*neste momento entra D Pedro. — Volta-se para D. Pedro, a quem, ao entrar, um pagem entrega uma carta, que elle passa pelos olhos.*) Será verdadeira a infausta noticia que corre desde esta manhã, que do invicto almirante annuncia a perda?

Ped. Mallograram-se meus intentos. Horriveis tempestades arremessaram os seus navios para praias desertas. Só o ceu o sabe! O seu desastre é certo.

Ignez. (*angustiosa*) E tambem elle pereceu?

Ped. Até agora, ignora-se.

Ignez. E o seu fiel Guido de Arezzo vive ainda? (*temendo a resposta.*)

Ped. (*com desprezo*) Guido de Arezzo?! E quem pensa em homem tão obscuro? Quem? Por outros devemos procurar entre os mortos. Examinae. . . aqui está. (*mostrando a relação do successo, que têm na mão.*)

Ignez. (*depois de haver deitado os olhos sobre o papel*) Despedaça-te coração. . . elle morreu! (*submersa em funda meditação*) Longe da patria, agora que tu expiras, recebe os derradeiros suspiros desta alma! Meu amor primeiro não te esquecerei, e a este pensamento serei fiel até ao extremo alento. (*D. Ignez angustiada recolhe-se acompanhada da aia.*)

Ped. Porque a affligiria tão visivelmente a noticia inesperada? (*a D. Diogo*) Será possível que uma re-

Che un sovvenir . . . (*con sospetto*)

Die. o (*cercando calmarlo*) Che importa! E che si temè
D'un estinto rival la rimembranza!

Un Usciere (*moltrandosi ed inchinandosi*)

Il Consiglio, signori, ecco si avvanza.

SCENA III

**DON DIEGO, DON PEDRO, PRESIDENTE DEL CONSIGLIO,
i VESCOVI, DON ALVARO e gli altri CONSIGLIERI.**

(*Don Pedro ascende sul seggio presidenziale; don Diego accando a lui: gli altri Consiglieri intorno. Il presidente del Consiglio è alla destra. don Alvaro a sinistra*)

I Vescovi Dio, che la terra venera,

Ci vieni ad ispirar;

Nel dubbio le nostr'anime

Discendi a illuminar,

Signor, ne reggi e guida

Fra questa escurità:

Ognuno in te si affida;

Sei Forza e Verità!

Ped. (*levandosi in piedi e volgendosi ai Consiglieri*)

Dal di ch'allo spagnuolo, nostro eterno rivale,
Colombo aperse un mondo e i suoi tesori immensi,
Aneh'ei di qualche ricca coraggiosa scoperta,
Il prence senza pari, nostro amato sovrano,
Vuol dotare il suo regno.

G. I. (*mormorando*) Oppur trarlo a rovina!

Ped. Un argonanta

D'una strada novella osò tentar la sorte;

Dove pria la Tempesta collocò la Speranza . . .

G. I. Vana e stolta speranza! Si lusingaron troppo

Di varcar di quel mare i perigliosi scogli . . .

Core voce che lui da quei flutti in furore

Visto abbia fra quei scogli la sua squadra inghiottita.

Ped. Per saper di sua sorte - e per recargli ainto,

cordação ainda?... (*com suspeita*)

Dio. (*procurando tranquillisal-o*) Que importa? E quem poderá receiar a lembrança de um rival que não existe?

Um porteiro. (*entrando e inclinando-se*) O conselho ahi chega, senhores.

SCENA III.

D. DIOGO, D. PEDRO, O PRESIDENTE DO CONSELHO, Bispos, D. ALVARO, e os demais conselheiros.

(*D. Pedro sóbe á cadeira principal; D. Diogo fica junto della; os outros conselheiros em volta; o presidente do conselho á direita, e D. Alvaro á esquerda.*)

Bispos. Meu Deus, a quem todos veneramos, inspira-nos; e, nos momentos de incerteza, illumina-nos. Senhor guia-nos em tanta escuridão. Todas em ti confiam porque és a força e verdade de todos os espiritos.

Ped. (*erguendo-se de pé, e voltando-se para os conselheiros*) Desde o dia em que ao monarcha visinho, nosso eterno rival, Colombo abriu um mundo, e com elle seus immensos thesouros, foi tambem esse o momento em que o nosso amado soberano, o principe sem igual, desejou accrescentar o seu reino com opulentas e temerarias descobertas.

Presidente. (*mormurando*) Ou arrastal-o á ruina.

Ped. Um argonanta ousado e impavido navegador abalançou-se a tentar a rota de uma nova estrada. Onde exestia a tempestade, collocou elle a esperança.

Pre. Vã e louca esperança!... De subejo se lisonjeiam de vencer os perigos d'aquelles mares. Corre até voz que esse navegador, presa da furia das vagas, viu a sua esquadra engolida pela voragem.

Ped. Para saber do seu destino, e mandar-lhe au-

Oggi ci aduna il Re,
Signori, il vostro avviso?

I Vescovi Nel Ciel sol abbiám fè,
Dio, che la terra venera
Ci vieni ad ispirar :
Nel dubbio le nostr'anime
Discendi a illuminar !

Ped. O don Alvaro, qual consiglio è il vostro !

Alv. Per lui preghiam : estinto il ciel lo volle.

Ped. Chi lo sa ?

Coro Chi lo disse ?

Aiv. Un ufficiale,
Che di tutta la squadra unico forse
Dalla morte scampò. Per ricompensa
De'travagli sofferti,
Non chiede che l'onor d'esser ammesso
Innanzi a voi.

Ped. (agli uscieri) S'inoltri,
Il nome suo? (a don Alvaro)

Alv. Guido d'Arezzo !

Ped. Die. (colpiti a questo annunzio) (Ei !... Cielo !)

SCENA IV

GUIDO D'AREZZO e Detti.

(Guido appena entrato saluta rispettosamente i membri del Consiglio: don Pedro gli accenna di parlare e don Alvaro lo incoraggia cogli occhi e col gesto)

Gui. Ho veduto, o signori, entro i nemi avvolti,
Tutti i nostri fratelli rimaner sepolti,
Di furor e' fremean, condannati a spirar,
Quel Capo paventato cui noma la tempesta,
Che nell'abisso ha - il piede e nel cielo la testa...
In quel suolo ignorato trassi ramingo il pie,
Dove niun europeo penetrar non potè,
Quante volte smarrito per quei lidi deserti,

Alto, hoje chega o rei. Senhores, o vosso parecer?

Bis. Só no céu devemos ter fé. Meu Deus, a quem todos veneramos, inspira-nos; e, nos momentos de incerteza, illumina-nos.

Ped. E vós, D. Alvaro, que pensaes?

Alv. Que devemos orar pello almirante. A providencia quiz que percesse. . .

Ped. E quem o sabe?

Coro. Quem o disse?

Alv. Um mareante, que talvez de toda a esquadra foi o unico que escapou. Para recompensa dos trabalhos soffridos, só pertende a honra de apresentar-se na vossa presença.

Ped. (nos porteiros) Que seja introduzido. Como se chama? (a D. Alvaro.)

Alv. Guido de Arezzo.

Ped. e Dio. (assombrados ao ouvirem este nome) Elle! Que ouço?

SCENA IV

GUIDO DE AREZZO e os ditos.

Guido, apenas entra, sauda respeitosamente os membros do conselho: D. Pedro acena-lhe para fallar, e D. Alvaro anima-o com os olhos e com o gesto.)

Gui. Senhores, eu vi, entre as procellas, todos os nossos irmãos ficarem sepultados. De ira elles bramiam, condemnados a expirar, avistando ao longe e não podendo passar aquelle grande e temivel cabo, a que dão nome as tempestades, e que se afunda no abysmo e topeia com as nuvens. N'aquellas paragens ignoradas, onde nenhum europeu ainda poude penetrar, vagueei errante. Quantas vezes, extenuado, por aquelles praias desertas,

Quelle sponde novelle e que' scogli coperti . . .

Alv. Lunge dal suol natio,
Malediceste in cor?

Gui. (con esaltazione e con sicurezza)

No, perchè spero ancor?

Che il conquisterem! m'ispira Iddio.

(consegnando una memoria a don Pedro)

Signori, questo scritto vi prego consultar,

Che il re mi dia per voi un buon naviglio io spe-

Ed il Capo fatal vi prometto varcar, ro :

Del commercio e del mar a voi dando l'impero!

A voi tesori immensi, a voi prosperità.

P. del Con. E qual la vostra parte? (con ironia)

Gui. (ispirato) Io! . . . l'immortalità!

Insieme.

Dovessi pur la vita perdere

Ho piena fè di riuscir,

Pel mio sovrano, per la mia Patria'

Vogliate i miei preghi esaudir!

P. del C. Ped. Audacia tal e tal follia (fra loro)

e Die. Da noi si de' sol compatir!

Più chè villà, stoltezza fia

Quest'impostor a lungo udir.

Alv. La sicurtà questa è del genio

Ch'ha piena fè di riuscir;

E per il ben di questa patria

Dovremo i suoi voti esaudir.

(Don Pedro fa segno a Gui. di ritirarsi durante la deliberazione del Consiglio: Guido chiede d'essere ascoltato ancora)

Gui. Un detto ancor, in pria che si discuta,

Al Re chieggo un naviglio:

Nulla si tema, il suo trionfo è certo.

Due schiavi d'una razza sconosciuta

Al mercato de' neri

In Africa comprai; qui li condussi.

por aquellas margens agora conhecidas, por aquelles penedros occultos. . .

Alv. Longe da patria maldiceste tudo isso no teu intimo? . . .

Gui. (com exaltação e firmeza) Não, porque confio ainda, que os conquistaremos. Tenho fé em Deus. (entrega uma memoria a D. Pedro) Senhores, este escripto peço consulteis, e intercedei para que o rei me dê um navio, e o cabo fatal assevero-vos que hei-de passar, e dar-vos o imperio do commercio e do mar. Caber-vos-hão thesouros immensos e segura prosperidade.

Pre. E qual ha-de ser a vossa parte?

Gui. (inspirado) A minha? . . . a immortalidade. Ainda que a vida perdesse, tenho plena fé que hei-de vencer. Pelo meu soberano, pela patria, attendei os meus rogos.

Pre. Ped. e Dio. (entre si) Audacia tal, e tal loucura devemos só lastimar. Mais que vilesa, demencia é este impostor ouvir por muito tempo.

Alv. Esta firmeza é natural no genio, que tem plena confiança de vencer, e para bem da nossa patria, devemos os seus rogos ajudar.

(D. Pedro faz signal a Guido para ve retirar, durante a deliberação do conselho. Guido pede para ser escollado ainda.)

Gui. Uma palavra só, e antes que se discuta o pedido que faço a el-rei de um navio. Não haja receio, o triumpho é certo. Comprei em Africa, no mercado dos negros dois escravos de uma raça desconhecida. Peço para os conduzirem aqui.

P. del C. Che inferite da ciò!

Gui.

D'ignote genti

Ci provan l'esistenza: essi nell'Asia

Non videro la luce e non nel nuovo

Mondo finor scoperto. . . Li vedete!

Die.

Sien fatti entrar. (*ad un usciere che parte*)

Ped.

Approvo un tal consiglio.

SCENA V

SELIKA, NELUSKO e Detti.

Ped.

O schiavi, v'appressate. (*a Sel. e Nel.*)

Die.

Qual è il vostro paese?

Ped.

In questi luoghi

Qual sorte vi traea?

(*Nel. scuote il capo con aria feroce, Sel. si volge con alterezza*)

Die. (a Nel.)

Tu non rispondi!

Nel.

No. . . no!

Ped. (a Sel.)

Donna, parlar tu almen potrai.

Sel.

Prigionieri ci fèr sui mari immensi:

Il nostro schifo a lungo balestrato

Da' nemi, iya smarrito

Lontan dal lido delle verdi palme. . .

Gui.

Di grazia, riguardate! Il lor sembiante,

L'abbronzato color, i vestimenti

Svelan gente ignorata.

Alv. (e molti come lui fanno un cenno di consenso)

È vero, è vero!

Die.

Qual'è la vostra patria? (*con tuono imperioso*)

Gui.

Parla dunque, Selika: (*con accento supplichevole*)

Son io che ti scongiuro.

Sel.

(La voce sua men prega. . .

Io non resisto più. . .) Voi lo volete?

Ebben. . . (*Nel. le si avvicina*)

Nel. (sottovoce a Sel.)

Oh, non parlar! . . .

Regina, i giuri tuoi dei rispettar,

Pae. E que inferis disso?

Gui. Que provam a existencia de ignorados povos, naturaes da Asia, e não do novo mundo até agora descoberto. Observem-nos.

Dio. Que entrem. *(a um porteiro)*

Ped. Aprovo esse parecer,

SCENA V

SELIKA, NELUSKO e os mesmos.

Ped. Escravos apressae-vos. *(a Selika e Nelusko)*

Dio. De que terra sois?

Ped. A estes logares, qual foi a sorte que vos trouxe?

(Nelusko sacode a cabeça com gesto feroz, e Selika volta-se com altivez).

Dio. *(a Nelusko)* Não respondes?

Nel. Não . . . não!

Ped. *(a Selika)* Mulher, e tu fallarás a menos?

Seli. Fizeram-nos prizioneiros sobre os grandes mares. A nossa canôa, desde muito tempo arrastada pelas ondas, estava a ponto de despedaçar-se longe da costa das virentes palmeiras . . .

Gui. Por quem sois, olhae-os bem. Aquelle semblante abronzeado, e os seus trages revelam bem um povo desconhecido.

Alv. *(faz, e todos com elle, um aceno de assentimento)* É verdade, não ha duvida.

Dio. *(imperativamente).* E onde nascestes?

Gui. *(com modo supplicante)* Falla, falla, Selika: sou eu que t'ô peço.

Seli. *(áparte)* É elle que m'ô pede; não posso resistir. *(alto)* Sois vós que o quereis? Pois bem . . . *(Nelusko avisinha-se-lhe.)*

Nel. *(baixo a Selika)* Não falleis. Deves respeitar os teus juramentos, rainha. Reduzida á servidão pelo teu

Ridotta in servitù
 Dall'avverso tuo fato,
 La tua natia virtù
 Forse avresti scordato!
 Se della nostra patria
 T'è caro il sovvenir,
 La tua fede, il tuo popolo,
 Regina non tardir!

Ped. a Sel.)

La tua patria, comprendi, io tel comando,
 A noi favellar tu dèi!

Sel. (sollevandosi con nobile orgoglio)

A te sta di nomarla! io non ne ho più!
 Patria non ha chi vive in servitù!

Nel. (con rozzezza, rattenendo a stento la sua rabbia)

Se andate per comprar
 Un bue da lavorar,
 Pur ch'abbia vigoria
 E regga a la fatica il giorno inter,
 Di dove venga e sia
 Vi date mai pensier?
 Che preme a voi saper
 Se per voi sono una bestia da soma!

Ped. Qual orgoglio indomato!

Gui. (con amarezza) O vani sforzi!

Essi non parleran! . . . Pur tutto svela
 Che d'oltre Africa vengono costoro,
 Da mari dove mai le nostre vele
 Non penetrar . . . Quelle contrade ignote
 Scoprir, scoprir io voglio . . .
 Deh, fate ch'io le possa conquistar!

Ped. Ebben, vi ritirate; che il Consiglio,

Or dee deliberar.

(Gui. esce con Sel. e Nel.)

fado adverso, dar-se-ha caso que tenhas esquecido as tuas naturaes virtudes? Se da nossa patria te é cara a lembrança, não traias a tua fé, nem o teu povo.

Ped. (a *Seli.*) Ouves, sou eu que te ordeno que nos declares qual é a tua terra

Seli. (erguendo-se com altivez) A ti compete nomeal-a, a mim não, que a não tenho já. Não tem patria o que vive na escravidão.

Nel. (com rudeza, reprimindo a custo a sua ira) Se curasses de comprar um animal para vosso serviço, com tanto que tivesse forças para soffrer as fadigas do trabalho, tratarieis de saber donde elle vinha e a que raça pertencia? De que vos serve saber como se chama a minha terra, se para vós não sou mais de que um animal de carga?

Ped. Que indomavel orgulho!

Gui. (amargamente) Vãos esforços! Nada dizem. E todavia tudo mostra que de além das terras de Africa foram trazidos, de mares que jámais nossos naviões conseguiram sulcar. Descobrir aquellas regiões ignoradas é todo o meu intento. Ah! fazei com que eu as possa conquistar! . . .

Ped. Pois bem, retiraе-vos: o conselho vae deliberar.

(*Guido sahe com Selika e Nelusko.*)

SCENA VI.

Gli stessi, meno GUIDO, SELIKA e NELUSKO.

Alv. È mestier secondar la sua ferma credenza.

Die. No, si dee compatir questa strana demenza.

Alv. Egli è un prode official. . .

Die. Un meschino impostor.

Alv. Sol la gloria desia.

Die. Non ha sete che d'òr.

P. del C. Fratelli, l'ira non vi faccia velo. . .

E ci rischiari il Cielo!

Alv. Percorriam queste carte, i disegni, le note

In nostra man desposte-

Ped. (*ponendosi a scorrere rapidamente le carte datagli da Guido*)

Leggiam! . . .

(*colpilo alla lettura*) Che veggio mai? . . .

O cielo... Qual baleno a me brilla frall'ombre,

E che mi può guidar!

Die. E dovremmo affidar

E tesori e guerrier

Ad un tal venturier,

Che mai nulla ha operato! . . .

Alcuni E certo un insensato. . .

Alv. Od un genio ignorato!

P. del C. Il Consiglio non può

Ascoltar piú quest'empio!

Alv. (*protestando*) Egli, un empio? . . . Non fla. . .

Coro (*fremendo*) Egli, un empio? . . . No, no!

Alv. Perchè un mondo novello a lui si rivelò!

P. del C. Sostener ch'esso esista è flagrante eresia,

Dacchè nei Libri Santi nessun mai ne parlò.

Alv. E Colombo primier non sidò l'anatema!

P. del C. E nel dir tal bestemmia il cor vostro non trema?

Alv. La mia patria difendo!

P. del C. E offendete il Signor!

SCENA VI

Os mesmos menos GUIDO, SELIKA e NELUSKO.

Alv. É conveniente coadjuvar a sua firme convicção.

Dio. Pelo contrario, deve-se lastimar aquella singular demencia.

Alv. É um esforço official. . .

Dio. Um mesquinho importuno.

Alv. Só deseja a gloria.

Dio. Tem unicamente cubiça de ouro.

Pre. Irmãos, não vos obeceque a ira. O ceu vos esclareça.

Alv. Examinem estas cartas, os desenhos e apostillas, que elle nos deixou.

Ped. (lançando um rapido olhar sobre os papeis) Leamos. . . (surprehendido) Que vejo? ó cen! Que luz me fulge, entre as sombras, que me póde guiar!

Dio. E devemos confiar dinheiro e soldados a um aventureiro, que nada fez?

Alguns. É de certo um insensato.

Alv. Ou um genio desconhecido.

Pre. O conselho não póde attender semelhante impio.

Alv. Elle um impio? . . . Em que?

Coro. (impaciente) Elle um impio? . . . Não, de certo.

Alv. Porque um mundo novo lhe foi revelado?

Pre. Sustentar que tal existe é flagrante heresia, porque nos livros santos nada o indica.

Alv. E não foi primeiro Colombo que provocou o anathema?

Pre. E ao proferir tal blasphemia não vos treme o coração?

Alv. Defendo a minha patria.

Pre. Mas offendeis o senhor. Devem ser lança-

Il fuoco sien gettati questi scritti d'error!
(succede un parapiglia straordinario: chi approva e chi s'op-
pone.)

Il presidente del Consiglio ed i Vescovi.

Dio, che la terra venera,
 Affrena un tanto ardor;
 E fa colla tua grazia
 Che in pace sieno i cor!

(quando i voti sono raccolti si fa rientrare Guido.)

SCENA VII

GUIDO e Detti.

Die. Il supremo Consiglio, che per il Re comanda.
 Degli interessi in nome che in sua mano affidò,
 Ha già respinto cotal domanda,
 Ed insensata la dichiarò.

Gui. *(con indignazione)*

Insensata! . . . insensata. . . E tacerò?

Ah! così fu trattato
 Nel suo proprio paese,
 E com'io rigettato
 Quel ch'oggi è venerato

Da quei saggi d'allora stolto si proclamò!

Ped. Silenzio, temerario!

Gui. *(fuori di se stesso sempre più infiammandosi)*

No, no! . . . parlar io vo'!
 Or sono il vostro giudice:
 Ed io v'infamerò.

Oh, la gloria della patria,
 Che tradiste sì vilmente,
 Su voi cada, iniqua gente;
 E sia vostro disonor! . . .

Ped. Coro A morte, a morte il folle insultator!

Alv. No, vi scongiuro . . . indulgenza e perdon!

P. del C. Per tanto oltraggio eterna la prigion!

dos ao fogo todos esses escriptos de horror. (*visivel confusão: uns approvam, outros oppoem-se*).

Pre. e os Bispos. Deus, que á terra desceste, asserena tanto ardor, e faz com a tua graça que a paz entre no animo de todos.

(*Depois dos votos recolhidos fazem entrar de novo Guido.*)

SCENA VII

GUIDO e os mesmos.

Dio. O supremo conselho, que em nome do rei dirige os interesses que lhe foram confiados, já apreciou a vossa exigencia e a declarou insensata.

Gui. (*indignado*) Insensata!... insensata!... E hei-de callar-me!... Ah! assim foi tratado, e em sua propria terra, e como eu repellido, o immortal genóvez Christovão Colombo, que hoje é venerado dos proprios sabios que então o proclamaram louco.

Ped. Silencio, temerario!

Gui. (*fóra de si, e cada vez mais enfurecido.*) Não!... não! hei-de fallar. Agora sou o vosso juiz, e hei-de infamar-vos. Oh! a gloria da patria, que trabistes tão vilmente, vós o manchaes, e será tal passo a vossa deshonra.

Ped. e Coro. Á morte! á morte o insultador estolido.

Alv. Não; sou eu que o peço... Indulgencia e perdão.

Presi. Para tanto ultraje só uma prisão eterna.

Gui. Sta ben, sta ben!... I miei sicari siate!
 Nemici della luce, invidi, ignari,
 In carcer la serrate,
 Perchè, malgrado a voi, non vi rischiarì!

Tutti

Coro Infame oltraggiator,
 È soverchio l'ardir;
 Lo stolto tuo furor
 Da noi si dee punir.
 Un empio ed un ribel
 Illeso non andrà!
 Di tua stoltezza pur farà.

Alv. Di Guido difensor
 Io mi vengo ad offrir;
 Il giovanile ardor
 Si debbe compatir.
 All'onor suo fedel,
 Tradirlo non saprà!...
 Giudice solo il Ciel
 De'suoi pensier sarà.

Gui. L'invidia vo'confondere
 E il vano suo ruggir:
 In testimon la patria
 Io chiamo e l'avvenir!...
 Ribelle chi mi chiama
 Che dice, no, non sa.
 Io lascio la mia fama
 A la posterità!

P. del C. Or, la tua sentenza estrema
 È segnata, o traditor,
 Sul tuo capo l'anatèma
 Scaglio in nome del Signor!

FINE DELL'ATTO PRIMO.

Gui. Pois seja. . . Sejam meus assassinos, inimigos da luz, invejosos, ignaros; fechem-me n'um carcere, porque, mau grado vosso, ella vos ha-de allumiar.

Todos

Coro. Infame diffamador, é sobeja a ousadia. O teu louco furor deve ser castigado por nós. Um impio, um rebelde, não pôde ficar impune. Até o ceu tomará vingança da tua demencia.

Alv. En me offereço como defensor de Guido. Aquelle excesso, proprio dos verdes annos, deve-se lastimar. Á sua honra elle não é capaz de faltar. Dos seus pensamentos só o ceu pôde ser juiz.

Gui. Quero confundir a inveja, e os seus vãos clamores. Chamo em meu testemunho a patria e o futuro. Quem me appellida rebelde, não sabe o que diz. Deixarei o meu nome á posteridade.

Pre. Agora mesmo a tua sentença capital vaeser assignado, e sobre essa cabeça a fulminação cahira em nome do Senhor.

FIM DO 1.º ACTO.

ATTO SECONDO

SCENA I.

UN CARCERE.

In fondo a sinistra un banco ; nel mezzo un gran pilastro massiccio ; su questo pilastro una grande carta geografica.

GUIDO D'AREZZA steso sul banco che dorme e **SELIKA**.

Sel. **I**l dolce canto
 Del suol natio calmi il suo core affranto !
(si accosta a lui e canta)
 Figlio del sol, mio dolce amor,
 Dormi su miei ginocchi.
 Col suo poter del loto il fior
 Chiusi ti tenga gli occhi.
 L'augellin cantò,
 L'alba ti bacciò :
 La stella in ciel appare . . .
 Odi il bengalin,
 Ramin ;
 Canta a te vicin . . .
(torna a guardarlo con ansietà)
 Ah, ch'io soccombo, ahimè, soffro, vacillo ! . . .
 O supplizio crudel ! . . .
(tornando presso a Guido con trasporto)
 Scordato ho a te vicina
 Il mio nativo ciel,
 Le pompe di regina
 Ed il mio dio fedel . . .
 Che val celarlo più ?
 Io t'amo, sì . . . Mio solo ben sei tu !

ACTO II

SCENA I

CARCERE.

No fundo, e á esquerda, um banco ; no meio, uma grande pilastra macissa, e sobre esta pilastra, um mappa geographico.

GUIDO estendido sobre o banco, dormindo, e **SELIKA**.

Sel. O doce canto da minha terra lhe tranquillise o peito agitado. (*aproxima-se d'elle e canta*) Filho do sol, meu sereno amor, dorme sobre os meus joelhos. Com o seu perfumado poder as flores te conservem cerrados os olhos. A avesinha cantou e a aurora te beijou. No horizonte desponta a estrella da manhã. Ouve o bengalin implume que pepilla junto de ti. Ah! que eu succumbo! ai de mim! soffro, vacillo!... Oh!... supplicio cruel! Recordei perto de ti o meu céo natal, as pompas de rainha, e a minha religião... Para que hei-de occultal-o? É ali que eu amo... o meu unico bem és tu.

SCENA II

NELUSKO: **GUIDO** addormentato: **SELIKA** in disparte.

Sel. Nelusko! (*vedendolo apparire*)

Nel. (*entrando pensoso cogli occhi bassi*)

Per l'onor della regina. . .

Io lo deggio per lei... per l'odio mio!

È qui. (*guardando e vedendo Guido coricato*)

Che veggo! È addormentato... Ha torto!..

Io di colpirl non amo

Un nemico che dorme. . . Non importa:

È mestier! (*cava un pugnale e fa per slanciarsi su Gui.*)

Sel. (*gettandosi innanzi a Nelasko*)

Ciel! a che ti appressi mai!

È un prigionier, qual noi.

Nel. È un cristiano. . . e li detesto tutti!

Sel. Ei fu che ci salvava: egli é indifeso. . .!

Nella mia triste sorte

Di trovar presso a te la patria ancora,

Senza lui non sarei rimasta teco,

E forse sarei morta. . .

E tu, nobil guerrier, vuoi farti reo

Di tal delitto, a lui squarciando il core! . . .

Al nostro salvatore?

Nel. Io lo voglio, io lo deggio:

Quest'europeo detesto.

Sel. Non per altra cagion? (*scrutandolo*)

Nel. Forse. . .

Sel. Prosegui.

Nel. Non posso. . .

Sel. (*con dignità*) Tel comando! Omai favella.

Nel. (*inchinandosi a lei con sommissione*)

Figlia di regi, a te l'omaggio,

Che intero serba la fedeltà.

Non lo squallore, né il rio servaggio

SCENA II

NELUSKO, GUIDO adormecido ainda. SELIKA desaparece.

Sel. (vendo Nelusko) Nelusko!

Nel. (entrando pensativo) É pela dignidade da mesma rainha, que eu devo... e tambem pelo odio' que lhe tenho. É aqui. (olhando e vendo Guido deitado) Que vejo? A dormir!... Má hora... Não me apraz matar um inimigo que dorme... Mas não importa; é necessario. (puxa d'um punhal e vai para ferir Guido.)

Seli. (interpondo-se) Ceus! que tentas? É um prisioneiro como nós.

Nel. É um christão, e detesto-os a todos.

Leli. Foi elle quem nos salvou, e está indefeso. É a elle só que deverei, na minha triste sorte, o encontrar, junto comtigo, talvez a patria ainda. Sem elle, não seria trazida em tua companhia, e quem sabe se estaria morta! E tu, nobre guerreiro, queres tornar-te criminoso de tal delicto, atravessando-lhe o coração?... ao nosso salvador?

Nel. Quero-o e desejo-o. Detesto este europeu.

Seli. E não será por outro motivo?

Nel. Talvez.

Seli. Prosegue.

Nel. Não posso.

Sell. (com dignidade) Ordeno-t'ó. Falla já.

Nel. (inclinando-se) Filha de reis, pertencem-te as homenagens que, observante, sabe prestar fidelidade, e não a timidez nem a servidão, que te tolhem a mages-

Ti tolgon nulla di maestà.

Nel. Ma... per questo stranier...
(*riscaldandosi ancora, mostrando Guido*)
Per lui... regina mia, tu dèi temer!...

Quand'amor mi accende
E m'infiamma l'ira,
Smanie atroci, orrende
Io sento nel cor.
L'occhio mio non spira
Che furor, com'angue...
Ah, può solo il sangue
Calmar un tal furor!

Quivi esiste un mister, ch'ho creduto scoprir...

Ogni preghiera é vana
Io lo giurai . . quest'uomo debbe perir.
Per l'onor pure della mia Sovrana!

É mestier ch'egli pera :
Ragion non voglio udir.

La tua stessa preghiera
Lo condanna a morir !

(*accostandosi risolutamente a Guido per colpirlo*)

Sel. (*sentendosi troppo debole per trattener Nelusko, si precipita verso Guido, gridando*)

Guido, li sveglia, su ! (*Nelusko cerca il pugnale*)

Gui. Che si vuol ? (*destandosi ad un tratto*)

Sel. (*ricomponendosi*) Nulla fu. . . (*confusa*)

Il tuo cibo arrecò...

Questo schiavo... (*mostrandogli la tavola preparata*)

Gui. (*a Sel.*) Sta ben, Soli ci lascia. (*a Nel.*)
(*vedendolo immobile tuttavia*)

Odi tu ?

Nel. Me ne vo'. (*chinando il capo*)

(*uscendo dopo aver guardato Sel. volgendo gli occhi al cielo*)

(O Brama, o Dio possente,

Sommo signor del cielo e della terra,

Che il tuo poter conserva,

'Tu fremi nel veder lei fatta serva !) (*esce*)

tade. Mas . . . este estrangeiro . . . (*inflammando-se de novo, e indicando Guido*) deves receial-o, minha rainha. Quando amor me accende e ardo em ira, loucura atroz, horrenda sinto que se apodera de mim. Nos meus olhos não chamejam senão furor, como a serpente. Ah! só o sangue pôde accalmar tal furor. Aqui existe um mysterio que me parece ter descoberto. Todas as supplicas são baldadas: jurei-o: este homem deve morrer. Pela propria honra da minha soberana é indispensavel que elle expire. A rasão não escuto. As tuas mesmas sollicitações mais o condemnam a morrer. (*aproximando-se resolutamente para ferir Guido*)

Seli. (*precepitando-se sobre Guido*) Guido! accorda!... accorda! (*Nelusko occulta o punhal*)

Gui. Que me querem? (*erguendo-se*)

Seli. (*enleada*) Não foi nada . . . A tua refeição que te tras este escravo. (*indicando-lhe a meza posta*)

Gui. (*a Selika*) Está bem. Deixa-nos sós. (*a Nelusko depois, vendo-o immovel*) Ouviste?

Nel. Já me retiro. (*inclinando a cabeça; depois de ter olhado para Selika, e volvido os olhos ao ceu*) Ó Brahma, ó deus poderoso, summo senhor do ceu e da terra, que o seu poder conservas, indigna-te de a ver assim feita escrava. (*sahe*)

SCENA III

GUIDO E SELIMA.

Gui. Qui chiuso invan mi si trattiene,
Perché indomato é il mio pensier :
Saprò spezzar le mie catene ;
Ché l'amor mio vo' riveder !

Sel. (A sostener la mia costanza,
De' miei padri, v'invoca il cor. . .
Possa obbliar la sua sembianza...
Ei non s'accorga del mio dolor !

Gui. (*meditando e guardando la carta geografica su cui sono
tracciate le coste dell' Africa dallo Stretto di Gibilterra
al Capo di Buona Speranza*)

Tremendo Capo, che nessuno ancora
Poté girar, a me sarà concesso !

(*indicando dalla parte sinistra sulla carta*)

Di qui, di qui !

Sel. (*che s'è avvicinata a lui, guardando dietro le sue spalle.*)

No, no! . . .

Gui. (*maravigliato*) Perchè ?

Sel. Sarebbe

A morte andar !

Gui. (*attonito*) Che dici !

Sel. Per di là... ver la destra...

Avvi un'isola immensa,

Un suol diletto al ciel!...

Gui. (*esaltandosi a tal rivelazione*) Oh, segui, segui.

Se. Egli è di là che il mio fragil canoto,
Colto dalla tempesta, in mar tranquillo,
Ripercosso dall'onde, in preda ai venti,
Alfin sospinto fu

Nei tristi lidi della schiavitù.

Gui. Trionfo! . . . Io lo dicea... (*esaltato*)

Il varco é là! . . . Mercé le tue parole,

SCENA III

GUIDO e SELIKA.

Gui. É debalde que me encerram aqui, porque o meu pensamento nada o prende: saberei quebrar estas cadeias, que em vão se oppoem a que eu torne a ver o meu amor.

Seli. Meus paes, o meu coração vos invoca para que me deis còstancia! Que eu possa esquecel-o a elle que nem comprehende a minha dor!

Gui. (*meditando e olhando para o mappa*) Temeroso cabo, que ainda até hoje ninquem ousou passar, eu o conseguirei! (*apontando o lado esquerdo do mappa*) Por aqui, por aqui. . .

Seli. (*que se tem aproximado, e olhando por detraz d'elle*) Não. . . não! . . .

Gui. (*maravilhado*) Porque?

Seli. Porque seria caminhar á morte.

Gui. (*attonito*) Que dizes?

Seli. Por aqui. . . pela direita. Ha uma ilha immensa, que só um ente privilegiado. . .

Gui. (*exultando a tal revelação*) Ah! continua! . . . continua! . . .

Seli. Foi de lá que a nossa canôa, colhida pela tempestade, quando navegavamos em bonança, e batida pelas vagas e presa dos ventos, veio emfim a parar nas tristes plagas de escravidão.

Gui. Triunpho! . . . Eu bem o previa. . . (*exaltado*) A passagem é por alli? . . . Obrigado pelas tuas palavras que

Certo ne son... Il ciel
Avvera alfin il sogno mio tedel!

(abbracciandola con espansione)

Sei l'angiol diletto

Che in portó mi adduce :

Per te nuova luce

A me sfavillò.

Un solo tuo detto

Fu come un prodigio...!

L'immenso servizio

Più non scorderò.

Sel. (tutta commossa all'espansione di Guido)

(Mi stringe al suo petto

Con vivo trasporto!...)

Mai tale conforto

Sperato non ho.

Ei m'ama!... O diletto

Che ancor mi dà vita :

D'amore rapita

Nel cielo già stò!

(rimangono entrambi abbracciati)

SCENA IV

DON PEDRO, INEZ, DON ALVARO. ANNA, NELUSKO
e Detti.

Ped. (ad Inez, mostrandole Guido che abbraccia Silka)

Non avevan mentito :

Ven potete accertar cogli occhi vostri.

Gui. (vedendo avvicinarsi Inez le corre incontro)

Io non m'inganno dunque? Inez! tu stessa...!

Sel. (Ella qui!... Perché viene?...)

Com'è bianca! *(contemplandola con invidia)*

Qual gelo ho nelle vene!

(Selika vorrebbe avanzarsi verso Inez: Guido l'arresta)

são de certo seguras. O ceu realizará finalmente os meus sonhos. *(abraçam-se com effusão)* És o anjo custodio que me apontas o porto : por tua causa, nova luz para mim fulgurou. Um unico dito teu foi como um prodigio. Mais valioso serviço não me podias prestar.

Seli. Aperta-me o peito, com vivo transporte. Tal expansão eu não esperava. *(ficam ambos abraçados)*

SCENA IV

D. PEDRO, D. IGNEZ, D. ALVARO, ANNA, NELUSKO
e os ditos.

Ped. *(a Ignez, mostrando-lh'os)* Não nos tinham mentido. Bem os podes ver com os proprios olhos.

Gui. *(vendo avisinhar-se D. Ignez, corre-lhe ao encontro)* Eu bem me não enganava!... Ignez! tu mesma...

Seli. *(áparte)* Ella aqui?... Para que viria?... Como é alva!... *(contemplando-a com inveja)* Parece que sinto gêlo nas veias. *(quer avançar para D. Ignez e Guido a detem)*

Inez (*avvicinandosi a Guido vuol parlare, ma la commozione gliel'impedisce*)

Udii . . . narrar . . . che prigionier . . .

T'avean dannato a rimaner . . .

Ma, il tuo perdon . . . comprato è già . . .

Ti veugo a dar . . . la libertá.

Gui. La libertade a me? . . .

Inez (*dandogli un foglio*)

Oh, leggi, leggi . . . ordin del re!

Ed or per sempre ci lascerem;

Più sulla terra non ci vederem! . . .

Tu dèi da me fuggir . . .

Addio . . . deggio'partir!

(*s'accosta a don Pedro che fa per condurla via*)

Gui. No: resta ancor! Comprendo i tuoi sospetti:

Quella schiava . . . (*mostrando Selika*)

Inez (*con gelosia*) Che avete

In Africa comprala . . .

Gui. Ell'è mia schiava,

E nulla più. La vostra anima irata

Si plachi alfin! . . . É vostra, Inez.

Sel. (*con un grido di dolore*)

Ingrato!

Gui. Io vela cedo; io ve la dono.

Nel. Ed io? (*con anzientá*)

Gui. Tu pur la segui . . .

(*ad Inez con entusiasmo*)

Il mio core, il mio sangue,

Quanto posseggo per un guardo amato . . .

Per un guardo!

Sel. (Crudele!)

Inez (Sciagurato!)

(*Guido vorrebbe interrogare Inez, ma ella si volge altrove*)

Inez (Me sola egli ama! . . . Ed io soffria,

Quand'ci rimase a me fedell . . .

Sento mancar la voce mia:

Ignez. (acercando-se de Guido, e querendo fallar, mas não podendo) Ovi. . . narrar. . . que te haviam sentenciado a permanecer prisioneiro. . . mas o teu perdão. . . já consegui. Vinha dar-te a liberdade.

Gai. A liberdade. . . a mim?

Ignez. (dando-lhe um papel) Lê, lê. . . o decreto do rei. E agora para sempre nos separaremos; nunca mais nos veremos sobre a terra. Deves fugir-me. Adeus; cumpre-me partir. (encosta-se a D. Pedro que faz pela conduzir).

Gui. Não; fica por mais tempo. Comprehendo as tuas suspeitas. Aquella escrava. . . (mostrando Selika).

Ignez. (com zelos) Que compraste em Africa. . .

Gui. É minha escrava, e nada mais. Tranquillisa esse espirito inquieto. . . Dou-t'a. . . a ti Ignez.

Seli. (com funda dor) Cruel!. . . ingrato!

Gui. Cedo-t'a. . . dou-t'a.

Nel. (com anciedade) E eu?

Gui. A ti tambem. (A D. Ignez com enthusiasmo) O meu coração, o meu sangue, tudo que possuo por um olhar querido. . . por um só olhar!

Seli. (áparte) Cruel!

Ignez. (áparte) Desventurado!

(Guido quer interrogar Ignez, mas ella volta-se.)

Ignez. (áparte) É só a mim que elle ama. !E eu soffria, em quanto que elle me permanecia fiel! A voz falle-

- Sul ciglio, oimè, si stende un vel.)
- Sel.* (Oh qual destin! . . . Si rio martir
A sostener m'aita, o ciel :
Ei mi vendè! . . . Vorrei morir,
Chè tal dolor troppo è crudel.)
- Nel.* (La sorte alfin così spezzò
Nodo fatal, in odio al ciel :
Ma del dolor ch'a lei costò
Farò pentir quell'infedel.)
- Ped.* (I voti miei son paghi alfin ;
Sorridente a me propizio il ciel.
Omai cangiò il mio destin ;
Mi secondo quell'infedel.)
- Alv.* (Si rende a lui la libertà !
Giustizia alfin gli rende il ciel...
Restan l'amor e l'amistà,
Ognor a te, Guido, fedel.)
- Anna* (Per essa, oimè, qual rio destin,
Trovarlo ancor a sè fedel !
A questo amor funesto fin,
Ahi, destinò nemico il ciel !)
- Gui.* (*che era rimasto finora immerso in una gioia impensata*)
(Del mio soffrir raggiunti il fin. . .
Ne' guardi suoi m'arride il ciel !)
- Ped.* (*a Guido, indicandogli Selika e Nelusko*)
Il mercato è conchiuso, e l'accettiamo :
Io ve li pago entrambi. Ed or partiamo.
(*dando la mano ad Inez per condurla seco*)
- Gui.* Che dite mai ?
- Ped.* Del re la bontade paterna
Confida al mio saper, od almeno al mio zelo.
La gloria di tentar quell'ardito passaggio,
Dove falli finor ben più d'un folle orgoglio.
- Gni.* (*scuotendosi con indignazione*)
Voi, cui già consegnai con insensata mano

ce-me. Sobre os olhos se estende um veu.

Seli. (*áparte*) Oh! que destino!... Tão grande martyrio não se pode supportar, ó ceu! Vender-me elle! Quero morrer, por que tal angustia é mais acerba.

Nel. (*áparte*) Até que enfim a sorte despedaçou o nó fatal odiado pelos deuses, mas da pena que lhe custou, hei-de punir aquelle infiel.

Ped. (*áparte*) Os meus votos são enfim satisfeitos. Sorri-me propicio o ceu. Para sempre mudou o meu destino com o auxilio d'aquella escrava.

Alv. (*áparte*) Dão-lhe finalmente a liberdade faz-lhe justiça a providencia. Ficam-te o amor e a amisade agora para sempre, meu fiel Guido.

Anna. (*áparte*) Para Ignez, que funda dor não foi encontral-o ainda constante no seu affecto! A tamanho amor, tão desditoso fim destinou um ceu adverso!

Gui. (*que tem estado submerso n'uma alegria irreflectida*) Chega o termo do meu soffrimento. O ceu parece sorrir-me.

Ped. (*a Guido, indicando-lhe Selika e Nelusko*) A compra está concluida e aceitamol-a. Eu vol-os pago ambos. Agora parlamos. (*dando a mão a D. Igdez para a conduzir consigo*)

Gui. Que dizeis?

Ped. Do rei, a paterna bondade confia á minha experiencia, ou pelo menos ao meu zelo, a gloria de tentar a audaciosa passagem, que até agora se tornou mallograda a tanto orgulho.

Gui. (*escutando-o com indignação*) A vós, a quem já

Di mie fatiche i frutti, i miei studi, i pensieri...
Ped. Disegni vani ! il foco e l'obbio gli ha distrutti.
Gui Gloria che m'appartien e che voi mi rapite !...
Nel. (*sottovoce a don Pedro*)

Tu l'otterrai per me :
 Mi traggi insiem con te.
 Io guida ti sarò
 E là ti condurrò.

Ped. Se ti comprai, pensato ho a ciò. (*sottovoce a Nel.*)
 (*poi ad alta voce Guida che freme*)
 De' paesi ch'io scopra, il re, per gran favor,
 Mi fa governator.

Gui. Fin d'ora ! (*con ironia*)

Ped. Ed oggi istesso
 La mia squadra s'appresta.
 Andian. usciam di qui.

(*stendendo la mano ad Inez*) La vostra mano.

Gui. Con qual dritto ? (*a don Pedro*)

Ped. Con quel che appiè dell'ara
 Si riceve da Dio !

Gui. (*ad Inez*) Che dice mai ?

Inez (*confusa sottovoce Gui. interrotta dai singhiozzi*)

Per voi. . creduto infido. . .

E per sottrarvi. . a una prigione... eterna ..

La mia man... diedi a lui... (*con voce soffocata*)

E da voi lunge. . « io moro...

Gui. No ! di', che ver non è !...

Anatèma su lui ! sventura a me !

Tutti

Inez (*asservando Guido*)

(Egli è pallido nel volto :

Da terror immenso è colto. . .

Io tradii la sè promessa,

Io spezzai quel nobil cor.

Omai sen d'un altro moglio ;

confeiei, com tanta inconsideração, os resultados dos meus estudos, das minhas fadigas, e lucubrações!

Ped. Chimericos planos. Já o fogo e o esquecimento os destruíram.

Gui. A gloria que me pertence, e que vós me roubaes!...

Nel. (*baixo a D. Pedro*) Tudo obterás por mim. Leva-me contigo, serei teu guia, e te conduzirei onde desejas.

Ped. Se te comprei foi só com essa idéa (*baixo a Nelusko, depois alto a Guido, que se enasurece*) O rei me fará governador das terras que eu descobrir, tendo em ta-tenção os meus serviços.

Gui. (*com ironia*) Que descobristes até agora?...

Ped. E hoje mesmo a minha esquadra se appare-lha. Vamos; saiamos d'aqui. (*estendendo a mão a D. Ignez*) A vossa mão,

Gui. Com que direito? (*a D. Pedro*)

Ped. Com o direito que se recebe de Deus junto do altar.

Gui. (*a D. Ignez*) Que diz elle?

Ignez. (*confusa, com voz sumida e entrecortada de solu-ços.*) Fostes vós... julguei-vos infiel... e para vos tirar de uma prisão... perpetua... concedi a minha mão... a elle .. (*com voz soffucada*) e longe de vós irei morrer.

Gui. Não!... dize-me que nada d'isso é verdade!... A ira do ceu caiba sobre elle e seja eterna-mente desventurado!

Todos.

Ignez. (*observando Guido*) Está pallido. Senhorei-o profunda colera. Eu trahi a fé jurada, e despedacei aquella nobre alma. Para sempre sou de outro. Ja nada

- Più nessun tal nodo scioglie...
 L'avvenire che si spressa
 Sarà tutto di squallor!)
- Sel.* (Egli è pallido nel volto;
 Da terror immenso è colto:
 Non s'avvede pur l'ingrato
 Quanto soffra questo cor.
 S'a vederla d'altrui moglie
 Freddo brivido lo coglie,
 Ogni arcano è omai svelato,
 Da lui spero invano amor!
- Gui.* Il mio spirito è sconvolto:
 Da uno strano orror son colto...;
 E i suoi sacri giuramenti
 Potè franger quel bel cor?
 Dubitar così di lei,
 Dubitar io non potrei...
 Sono falsi tali accentà:
 É don Pedro mentitor!)
- Ped.* (Egli è pallido nel volto:
 Da un terror immenso è colto...
 Questa donna, stolto, è mia:
 Io rimasi vincitor?...
 E la gloria ch'hai sognata
 Spero pur a me sèrbata...
 A te l'onta e l'agonia,
 A me gradi, fasto, amor!)
- Nel.* (Oggimai quell'empio, io spero
 Ch'ella scaccia dal pensiero:
 Nel vedersi dispregiato
 Amor cangiasi in furor...
 Ma punir lo stolto orgoglio
 Di quest'altro infame io voglio,
 O gran Brama, l'ho giurato:
 La vendetta covo in cor.)

no mundo pôde quebrar este laço. O futuro que se me apresenta é todo de desventura.

Seli. (áparte) Cobre-se-lhe de palidez o rosto ; domina-o a raiva. Não attende tambem o ingrato quanto padece este coração. Se chega a vel-a de outro espso, frio desdem lhe entra no animo ; já conhece os segredos d'aquella alma ; debalde esperei delle o amor.

Gui. (áparte) Sinto a alma dilacerada, e estranha afflicção se apodera de mim. Os seus juramentos sagrados pôde quebrar aquelle bello coração ? Não posso duvidar assim della. Seo de certo falsas estas palavras ; D. Pedro ó um embusteiro.

Ped. (áparte) Está pallido, é domina-o o terror. Esta mulher, pobre de ti, é todavia minha ; fiquei vencedor ; e a gloria que roubaste, ficar-me-ha reservada. Para ti a vergonha e a agonia, e para mim as honras, o fausto, o amor !

Nel. (áparte) De ora ávante eu espero que áquelle impio ella repulse do pensamento. O affecto assim despresado, ha-de mudar-se em odio. Comtudo, não deixarei de punir o temerario orgulho deste outro infame. Ó grande Brahma, eu t'o jurei, porque a vingança abri-go no peito.

Alv. (Egli è pallido nel volto:
 Da uno strano orror è colto...
 La sua donna, la sua gloria
 Gli ha rapilo Il traditor.
 Or, il misero è perduto:
 Nè mi è dato offrirgli ajuto...
 Il suo nome nella storia
 Fia coperto di squallor.)

Anna (Egli è pallido nel volto,
 Da un terror immenso è colto:
 Chè l'amor de' suoi prim'anni
 Strappar debbe dal suo cor,
 Inez è d'un altro moglie:
 Questo nodo non si scioglie,
 Una vita sol d'affanni
 Il destino serba a lor.)

Inez. (oltremodo commossa, avvicinandosi a Guido)

O Guido, m'odi ancor...

Sel. (con gelosia) (Ch'egli la segua?)

Ped. (Ell'osa?) (furente)

Nel. (sottovoce a Sel.) Attendi e vedi!

Inez Ebben, l'amor ti libera:
 Altrove cerca gloria...
 Tornando, sul mio tumulo
 Deh! vien a lagrimar...
 Almen la mia memoria,
 Guido non esecrar!

Sel. (L'esiglio e insiem l'obbligio
 Non potrò sopportar!)

Ped. (Pieno trionfo è il mio:
 Ei non dee più tornar!)

Gui. (La man che mi ha salvato
 Mi vien la morte a dar!)

Anna (La man che l'ha salvato
 Gli vien la morte a dar!)

Alv. (áparte) Demudou-se-lhe o semblante, e a aflicção apossou-se d'elle. A futura esposa, a sua gloria lhe roubou o traidor ! Agora, misero e perdido, não me é dado offerecer-lhe nem azilo. O seu nome, na historia, ficará de todo esquecido.

Anna. (áparte) A pallidez tingi-lhe o rosto, e grande magoa o transtorna. Aquelle amor dos seus primeiros annos, deve banir do coração. Ignez é já mulher de ontro, e nós láes não se quebram. Só uma existencia de tribulações o destino já agora lhe prepara.

Ignez. (muito sensibilisada e chegando-se a Guido)
Guido, escuta-me ainda. . .

Seli. (zelosa) Que elle a siga?

Ped. (áparte) Pois elle ousa ! *(enfurecido)*

Nel. (baixo a Selika) Attende e vê.

Ignez. Pois bem : amor dei-te a liberdade ; busca noutra parte a gloria. Ao volver, sobre o meu tumulo, ah ! verte algumas lagrimas e possa ao menos a minha memoria Guido não execrar.

Seli. O desterro, e logo depois o esquecimento. . . oh ! não poderei supportar.

Ped. (áparte) Completo triumpho é o meu. Elle de-certo não voltará.

Gui. (áparte) A mão, que me salvou, me veio dar a morte.

Anna. (áparte) A mão, que o salvou, foi a mesma que lhe deu a morte.

- Alv.* (O amico sventurato,
Niun ti può consolar.)
- Inez* (*sempre più commossa, sciogliendosi in diretto pianto*)
Addio, mio Guido... addio...
Ti attendo... là... nel ciel!...
- Sel. Gui. Alv.*
(Non resiste il cor mio...
Troppo è il dolor crudel!)
- Nel.* (O Brama, io ti ringrazio,
Che ha fine il lungo strazio.)
- .Ped.* (*contemplando con scddisfazione Guido desolato*)
(Sul suo fronte impallidito
Ben si legge il suo dolor.)
- Nel.* (Quel pallore l'ha tradito...
Ell'è salva, è salva ancor!)
- Gui.* (Ah, lasciarla! è troppo orrendo!...
Sol la morte è il mio desir.)
- Sel.* (Ah, lasciarlo! è troppo orrendo...
Oggimai degg'io morir...)
- Alv. Anna* Il suo trazio ben comprendo...
Egli parte... ei dee morir!
(*Tutti, dicendosi addio... si lasciano afflitti e pensosi*)

FINE DELL'ATTO SECONDO.

Alv. (*áparte*) Ó amigo desventurado, nem te posso consolar.

Ignéz. (*lavada em lagrimas*) Adeus, meu Guido!... adeus! Espero-te no ceu!

Gui., Selì. e Alv. Não resistes o meu peito; é excessiva a dôr.

Nel. (*áparte*) Ó Brahma, a ti l'ó agradeço: tem em fim termo este meu padecer.

Ped. (*contemplando com satisfação a Guido*) Sobre aquella face desmaiada bem se lê a funda magoa!

Nel. (*áparte*) Aquella pallidez trahiu-o. Elle está salvo; ainda pode salvar-se.

Gui. (*áparte*) Ah! deixal-a?... é impossivel. Hoje mesmo devo morrer!

Alv. e Anna. (*áparte*) A sua afflicção bem comprehendendo. Elle parte... é que vae acabar com os dias.
(*Todos dizendo = ADEUS!... se separam debatidos de viva angustia.*)

FIM DO 2.º ACTO.

ATTO TERZO

SCENA I

Lo spaccato del bastimento in tutta la sua larghezza: si vede il primo ponte e l'interno del secondo. Sul primo si innalzano gli alberi, dal fondo si vede il mare: il secondo, rischiarato da una lampada, è diviso in due parti, una la camera d'Inez, l'altra quella dell'Ammiraglio.

NELUSKO, e parecchi **MARINAI** sdraiati sulla coperta rischiarata dai primi raggi del sole nascente. **INEZ** stesa sopra un *hamac* nella camera a sinistra, circondata dalle sue **DONNE**, fra cui **SELIKA**. Nella camera attigua **DON PEDRO** seduto presso una tavola coperta di istromenti di marina e di carte ch'ei consulta.

Marinaj **S**u, su, marinar!

Or ciascun si dee svegliar,

(radunandosi tutti sul cassero, guardando l'orizzonte)

Ecco alfin l'aurora,

Che di già colora

Il placido mar,

Su, su, marinar!

Ognun si ridesti

Dal lungun sopor...

All'opera! presti!

Andiamo al lavor.

(Una campana suona la preghiera del mattino: tutti s'inginocchiano, i marinai sul cassero e le donne nella stanza d'Inez.)

O grande San Domenico,

Terrore dell'eretico,

Su mè veglia in questo giorno;

ACTO III

SCENA I

A NA'O DO ALMIRANTE.

O interior de um galeão, visto da prôa. Vê-se o convez e a coberta. Sobre a coberta, veem-se os mastros, e no convez, repartido em duas partes, apresenta-se d'um lado a camara de D. Ignez. e do outro a do almirante.

(Nelusko e outros marinheiros estão na coberta, allumiada apenas pelos primeiros raios do sol: D. Ignez, deitada ainda, acha-se rodeiada das suas aias, entre as quaes se ve Selika. Na camara D. Pedro estará sentado junto de uma mesa, coberta de instrumentos nauticos, e de mappas que consulta.)

Marinheiros. Sus! sus, marinheiros! Cada um que trate de despertar. *(chegando-se para a amurada e encarando o horisonte.)* Eis emfim a aurora, que já doura o placido mar. Sus! sus! marinheiros. Todos se ergam do longo somno. Á manobra, depressa; vamos á manobra. *(Toca uma campainha á oração da manhã: ajoelham todos, os marinheiros sobre a tolda, e as aias na camara de Ignez.)* Ó grande S. Domingos, terror dos hereticos, não dei-

E proteggi il mio ritorno.
 E a te dirò
 Fin che vivrò
 Il tuo sacro cantico,
 O grande San Domenico.

Inez (O celeste Provvidenza,
 Imploriamo il tuo favor.)

Sel. (O di Brama onnipotenza,
 Tronca alfine il mio dolor.)

Un marinajo (*a Nelusko, con aria beffarda*)

«Varcato è alfin quel fatal Capo
 «Che c'incutea tanto terror:
 «Qui sembra il mar tranquillo lago...

Nel. (*mormorando fra sè*) (Aspettate ancor!)

Altri (*come sopra*)

«Ed il dragon della tempesta,
 «Il genio del terror,
 «Non rugge a noi sovra la testa?...

Nel. «Aspettate ancor!»

SCENA II.

DON ALVARO entrando nella camara di **DON PEDRO**.

Ped. Siete voi, don Alvaro?

Alv. Io vi ritrovo,
 Ammiraglio.

Ped. Lasciar, per la conquista
 D'un'ignota contrada, il bel palagio
 Di vostra cara patria, egli è da eroe...
 (*vedendolo alquanto turbato*) Ma pur, che avete?

Alv. Tutto va mal!... Il pilota straniero
 Sospetto un traditor. Dei tre vascelli

xeis de vellar por nós e proteje a nossa volta á patria, pois sempre entraremos, em quanto vivermos, o teu sacro castigo, é grande S. Domingos.

Ignéz. Meu Deus, o teu auxilio implorâmos!

Seli. Grande Brahma, metiga emfim a minha dôr!

Um mari, (a *Nelusko*, com ar de *mofa*) Já passamos finalmente o tal terrivel cabo, que mette tanto susto: aqui parece o mar um lago socegado.

Nel. (murmurando) Esperem ainda!

Outro mari. E o monstro das tempestades, o genio do terror, já nos não ruge sobre a cabeça.

Nel. (o mesmo) Esperem ainda!

SCENA II

D. ALVARO, entrando na camara de **D. PEDRO**.

Ped. Sois vós, D. Alvaro?

Alv. Encontro-vos, almirante.

Ped. Deixar, pela descoberta de um ignoto roteiro o bello palacio da vossa cara patria, é realmente de um heroe!... (vendo-o perturbado) Mas que tendes?

Alv. Tudo corre mal. O piloto estrangeiro, sus-

Da voi condotti, l'uno ha naufragato,
L'altro ruppe ne'scogli...

Ped. Ma questo almen, io deggio confessarlo,
Ha, sua mercè, varcato sano e salvo
Della Tempesta il Capo
E i suoi flutti in furor. Fidando in esso
E nella stella mia,
Questo mar il primier ho valicato!

Alv. No, perchè un altro è innanzi a noi passato!
Di qui sen può veder la bianca vela
Da lontano, tracciando a noi la via
Sui flutti.

Ped. Chi sarà?

Alv. Di questo mare,
Dice il nocchier, è l'angiol tutelare.

Ped. O l'angelo nemico!...

Alv. Si dee seguirlo.

Ped. Anzi evitarlo, io dico!

Nel. (con grido profetico, guatando il mare sinistramente)

All'erta, marinar: il vento cangia!

Presto alle vele, corriam, corriam:

Il vento cangia, al nord volgiam!

Vedete da lontan il segno precursor

Della tromba fatal,

Volgete al nord...

Se no, vi fia mortal!

(Don Pedro e don Alvaro sono saliti sul primo ponte)

Alv. (a don Pedro indicando Nelusko)

È in questo infido schiavo

Avete confidenza?

Il primo suo padron egli ha tradito

E tradirà pur voi. Da lui guidati,

Due vascelli perir!

Nel. (che ha udito) Il genio audace,

Delle tempeste, in suo furor, gli aveva

Condannati... E fra poco il suo corruccio

peito-o um traidor. Das tres náus por vós comandadas, uma já naufragou, e a outra deu nos baixos.

Ped. Mas ao menos esta, devo confessal-o, já passou, mercê de Deus, a salvamento o famoso cabo, arrosando as suas tormentas em furor. Fiado nisso e na minha estrella, fui o primeiro que estes mares sulquei.

Alv. Não, porque outro os passou diante de nós. D'aqui se podem ver alvejar as vellas ao longe, traçando-nos a nós a rota a seguir.

Ped. Quem será?

Alv. É destes mares, segundo diz o piloto, o anjo tutelar.

Ped. Ou o anjo do mal.

Alv. Devemos segui-lo.

Ped. Antes evital-o, digo eu.

Nel. (com brado prophético, observando o mar sinistramente) Álerta, marinheiros. O vento muda. Depressa, á manobra: corramos, corramos. O vento voltou; viremos ao norte. Vejam ao longe o signal que annuncia a tromba fatal. Voltemos ao norte, se não o perigo é certo. (D. Pedro e D. Alvaro sobe para a tolda)

Alv. (a D. Pedro indicando-lhe Nelusko) Neste infiel escravo tendes confiança. Já trahiou o seu primeiro senhor, e vos trahirá tambem a vós. Foram por elle governados os vasos que naufragaram.

Nel. (que ouvira) O genio audaz das tempestades, os havia condemnado, no excesso do seu furor. E den-

Piomberà sopra voi, se non cangiate
 Di strada e non lasciate
 Diriger verso il nord

Alv. Ma, dove vuoi
 Condurci!

Nel. Senza tema vi affidate.

Ped. Ebben, sia pure. Verso nord piegate.

*(I marinai ed i mozzi si pongono alla manovra: il bastimento
 volta di bordo: Nelusko mette un grido di trionfo)*

Nel. Tra, la, la, la, la!

Un Marinajo

O Nelusko, che vai laggiù cantando!

Nel. Io canto la leggenda del dio delle tempeste
 Del genio del terror
 Che raduna su voi morte ed orror.

Coro Oh! ci narra la leggenda
 Del genio del terror...
 E per poco egli sospenda
 Il suo furor,

I.

Nel. Nel suo furor, re dell'acque profonde,
 De' venti al suon s'avanza sopra l'onde,
 Se eol suo piè scorre i flutti a destar,
 Oh. guai per voi, navigli e marinar!
 In mezzo a'lampi, ecco egli appar,
 Il gigante del mar! . . .

Vedi i flutti salir fino al ciel! . . .

Morrà l'empio, morrà senz'avel!

(vedendo i marinari sgomentatitride.)

Ah, ah. Qual terror!

In! tanto orror!

Orsu, la ciurma presta,

Chè ingrossa la tempesta!

All'alber v'aggrappate,

tro em pouco as suas borrasças cahirão sobre vós, se não mudardes de derrota e virardes para o norte.

Alv. Mas onde nos queres conduzir ?

Nel. Confiae-vos, sem receio.

Ped. Pois bem : seja assim. Virem para o norte.

(Os marinheiros fazem a manobra. Nelusko solta brados de triumpho.)

Nel. Tra, la, la ; tra, la, la, !

Um mari. Ó Nelusko, que estás ahí a cantar ?

Nel. Canto a lenda do deus das tempestades, do genio do terror, que vos ameaça com a morte e horror.

Coro. Ó conta lá a lenda do genio do terror, para que por pouco ao menos suspenda sobre nós os seus furores.

Nelusko.

I

Por entre a furia do vento enfurecido avança sobre as vagas o rei do alto mar. Se com o seu pé resvala pelos escarceos, aí de vós ! navics e tripulantes, que atravez dos relampagos e trovões, eil-o que se aproxima, o gigante das ondas. Vede as aguas em serras subirem ao ceu ; o impio morrerá, e morrerá sem sepultura. *(vendo os marinheiros apavorados, ri-se)* Ha ! ha ! ha ! Que terror ! Ah ! vem o monstro ! . . . Horror ! Depois, a chusma apressada, que a procella alvoroça, junto ao mas-

Lo schifo scatenate ;
 Ovvero ingojati dall'onda
 Profonda
 Voi dovete perir !

II

Nel. Nel suo furor sfidar, stolti, osereste,
 Il gigante fatal delle tempeste,
 La vecchia Europa al novello Océan
 Guerra farà sul dorso ! all'uragan,
 In mezzo a lampi, a'tuoni, ecco egli appar.
 Il gigante del mar ! . . .
 Vedi i flutti salir fino al ciel . . .
 Morrà l'empio, morrà senz'avel !
 Ah, ah, ah ! Qual terror ?
 In tanto orror !
 Orsù, la ciurma presta,
 Chè ingrossa la tempesta !
 All'alber v'aggrappate,
 Lo schifo scatenate,
 Ovvero ingoiati dall'onda
 Profonda.
 Voi dovete perir !

Un Marinajo (dall'alto della vedetta)

Un vascello che porta la nostra bandiera
 Mandato ha verso noi barca leggera...
 Già si avvanza e ci abborda . . .

Nel. (palpitando e tremando) (Un soccorso improvviso !
 Un salutare avviso !
 Li verrebbe a salvar ? . . ,
 I miei piani, a sventar ? . . .)

tro se agrupa e o escaler deita ao mar, mesmo onde, engolido pelas ondas espumosas, deveis perecer.

II

Loucos, ousareis desafiar, na sua colera, o genio fatal das tormentas? Ao novo oceano fará guerra a velha Europa, guerra sobre o dorso do furacão; e do seio dos relampagos e trovões, surdir-vos-ha o gigante do mar. Vê-de as aguas em serras subirem ao ceu; o impio morrerá, e morrerá sem sepultura. Ha! ha! ha! Que terror em tanta confusão! Depois a chusma apressada, que a procella alvoroça, junto ao mastro se agrupa; o escaler deitam ao mar, mesmo onde, engolido pelas ondas espomosas, deveis perecer.

Um mari. (do alto da gaviu) Uma embarcação, que traz a nossa bandeira, dirige para nós o escaler. Já chego, e atraca.

Nel. (tremulo) Um soccorro inesperado! Talvez um solutar aviso que os vem salvar?... e os meus planos fazer conhecidos!...

SCENA III

GUIDO e Detti.

Alv. (vedendo Gui. e correndo a stringergli la mano)

Chi vegg'io?..- Guido! In luoghi sì remoti
In pari tempo a noi, che vi condusse?

Gui. Fu Dio che m'ispirò:
Io compio il suo voler.
Il mio corso ei guidò
Sovra mare stranier. . .

Ped. (con sarcasmo) Per seguirarci,
Guido d'Arezzo

Gui. A prevenirvi forse!

Ped. Ah, ben comprendo allor:
Egli è per noi sfidar. . .

Gui. Se fossi in tempo ancor,
Piuttosto a voi salvar!

(Don Pedro ordina a tutti di ritirarsi : Gui. rimane)

SCENA IV

GUIDO e DON PEDRO.

Gui. Qual mai destin, o qual cieco delirio,
Vi spinge contro a lo scoglio fatale,
Ove con vano ardir, prode ammiraglio
Venato è a far naufragio?
Gli scegli nulla son: incontro a noi
Sorget vedremo innumeri canotti.
I cui guerrier selvaggi
Verran di nostre navi
A strapparsi i frantumi.

Ped. (con aria beffarda) E lo credete?

Gui. Il periglio imminente
Vi lice ancora d'evitar!

Ped. (con ironia) Prudente!

Gui. Io vengo a voi, malgrado l'odio,

SCENA III.

Guido e os ditos.

Alv. (vendo Guido e correndo a abraçal-o) Que vejo? Guido! Em tão remotas paragens, e por semelhante tempo, que vos conduz a nós?

Gui. Foi Deus que me inspirou. Cumpro os seus designios. A minha derrota foi guiada por Elle sobre estas agoas estranhas.

Ped. (com sarcasmo) Para nos seguir, Guido de Arezzo?

Gui. Para prevenir-vos antes.

Ped. Ah! entendo. Vindes para nos vigiar.

Gui. Se fosse tempo ainda, viria mais depressa para vos salvar.

(D. Pedro ordena a todos que se retirem. Guido continua.)

SCENA IV.

Guido e D. Pedro.

Gui. Que negregada sorte, ou que cego delirio vos impelle para a voragem fatal, onde, com louca temeridade, foi naufragar o nosso valente almirante? Mas os escolhos nada são, porque antes d'esses surgirão contra nós numerosas canoas, guarnecidas de guerreiros selvagens, que assaltarão esta nau, assolando tudo.

Ped. (com zombaria) E acreditael-o?

Gui. O perigo é eminente, mas dá-nos ainda tempo para o evitar.

Ped. (ironicamente) Sois na verdade prudente!...

- Gui.* « Perchè ho giurato... La vogl' io salvar :
 « Dovessi pure il mio rivale istesso
 « Dalla morte strappar !
- Ped.* Non sai tu ch' io qui solo comando,
 Ch' io qui sono il sovrano ed il re ?
 Tu parlar a me devi tremando,
 O la morte è sospesa su te ?
- Gui.* D'un prode ammiraglio saria questo il linguaggio ?
- Ped.* Io ti potrei punir colla legge alla man.
- Gui.* Ed invochi la legge, quando è d'uopo il coraggio !
- Ped.* Tu mi sfidi, cred' io...
- Gui.* Tu tremi, o capitán !

a 2

- Io rattengo a stento
 La rabbia ed il furore...
 Vien ! li sfogherò...
 Vien ! ti ucciderò !
- Ped.* Io rattengo a stento
 La rabbia e il livore...
 Va lontan da me...
 Dei tremar per te !
- Gui.* Viltade inaudita !
 Ti preme la vita ?...
 L'orribile oltraggio
 Non sai vendicar !
- Ped.* Baldanza inaudita !
 Ti pesa la vita ?...
 L'orribile oltraggio
 Tu devi pagar !
- (Don Pedro chiama tutti a sè di nuovo)*

SCENA V

**Don Alvaro, Nelusko, Inez, Selika, marinai,
 Soldati e Detti**

- Ped.* (a' suoi soldati)
 All' albero maestro ei sia legato :
 E de' vostri moschetti a colpi sia serbato.

Gui. Venho avisar-vos, esperando o dia, porque o jurei. Quero-a salvar, ainda que para isso tenha de arrancar o meu rival á morte.

Ped. (*vendo que Guido fica immovel*) Não sabes tu que eu sou aqui quem manda, e que sou o unico soberano e rei? Tu deves fallar-me tremendo, ou a morte estará sobre a tua cabeça.

Gui. Será essa a linguagem de um valente almirante?

Ped. Posso punir-te com as leis na mão.

Gui. E invocas as leis, quando deveria ser a coragem...

Ped. Tu desafias-me?

Gui. Tu receias, capitão?

a 2

Eu reprimo a custo a razão e o furor. Vem, que te estrangularei, vem que tu morrerás ás minhas mãos.

Ped. Custa-me a refrear a colera... Vae-te para longe de mim, teme por teu respeito.

Gui. Vileza inaudita! Tu poupas a vida: o terrivel ultrage não sabes vingar.

Ped. Audacia insolita! Pesa-te a existencia? Pois a grave affronta deves pagar.

(*D. Pedro chama todos.*)

SCENA V.

D. Alvaro, Nelusko, D. Ignez, Selika,
marinheiros, soldados e os ditos

Ped. (*aos soldados*) Ao mastro grande seja atado, e aós tiros dos vossos mosquetes eu o veja cair.

Gui. Vile! (tutti si slanciano adosso a Guido che disarmano)

Sel. Qual voce? (uscendo e ravvisando Guido)

Inez (riconoscendolo pure) Guido! È desso.

Sel. È desso!

Ped. Ei dee perir!

Sel. Inez (a D. Pedro) Ah, la mia voce storni

La sentenza fatal... Signor, pietà!

Ped. No! Me disobbedir niuno oserà!

(Il cielo si oscura e minaccia tempesta)

Un marinajo (gridando dall'alto dell'albero)

La ciurma sia presta;

È qui la tempesta!

(Un'orda di Indiani selvaggi armati d'improvviso assalta il bastimento e mette lo scompiglio in tutti che fuggono di qua e di là perseguitati)

Nel. A voi fratelli, a voi

Questi stranier su questi scogli

Io condussi.

Indiani Urrà! Urrà!

Forza e coraggio:

All' arembaggio!

Figli di Brama,

Il ciel vi chiama:

Bottino e gloria

Ei ci darà...

Sì, la vittoria

Nostra sarà!

Non c'è perdono

Per gli infedel!...

Nemici sono...

Lo vuole il ciel!

FINE DELL ATTO TERZO.

Gui. Vil!

(Todos se lançam sobre Guido e o desarmam)

Sel. Que voz é esta? *(saindo e conhecendo Guido.)*

Ign. *(reconhecendo-o tambem)* Guido!... É elle.

Sel. Elle!

Ped. Deve morrer.

Sel. e Ign. *(a D. Pedro)* Ah! revoguem a meus rogos a sentença fatal!... Senhor, perdoae-lhe!

Ped. Não! Não consentirei que ninguem me desobedeça.

(O ceu escurece e ameaça tempestade.)

Um marinheiro *(gritando da gavia do mastro grande)*

O nevoeiro aproxima-se: eis a tempestade.

(Uma turba multa de indios armados assalta de improviso a nau, e põe todos em desordem, que fogem por todas as partes.)

Nel. A vós, irmãos, a vós eu conduzi estes estrangeiros, por entre estes escolhos.

Indios. Ávante, ávante! força e coragem! Ao combate, filhos de Brahma, o ceu vos chama; despojos e gloria aqui tereis. Sim, a victoria é nossa; não a perderemos por nenhum infiel. Somos inimigos; assim o quer o ceu.

FIM DO 3.º ACTO

ATTO QUARTO

SCENA PRIMA

Splaggia del mare

*A sinistra ingresso di un tempio indiano, a destra un palazzo ;
in fondo monumenti sontuosi*

**Selika, Nelusko, il Gran Bramino, sacerdoti
e Indiani** *de varie caste*

(Marcia, Corteggio e Danze)

Il Gran Bramino (a Selika)

Noi giuriamo per Brama,

Per Visnù, per Sivà,

Gli dei che l'Indostan soli suoi numi chiama,

De' nostri re alla figlia eterna fedeltà.

(Tutti s'inclinano e si prostrano innanzi alla loro regina)

Nel. E, dalle nostre man Selika incoronata,

Giura, voi l'intendete, di mantener le leggi

Su questo libro santo, che depose già Dio

Nel sacro tempio *(un sacerdote gli presenta il libro d'oro)*

Sel. *(ponendo le mani sul libro santo)*

Io giuro!

Nel. Nè mai, tu lo giurasti, alcun straniero

Profanerà di sua presenza impura

Il sacro suolo della patria nostra!...

Regina, il santo acciar tutti gli spense.

Sel. Ciel!... tutti?...

(cercando di nascondere la sua commozione)

Un Sac. (sottovoce a Nel.) Un sol, che di lor nave in fondo

Aveano incatenato, un sol respira.

Nel. (Ah! Guido... forse!)

(sottovoce al sacerdote) Corri

Ed immolato venga sull'istante! *(il sacerdote parte)*

G. B. (a Selika, invitandola al tempio)

Sugli altar degli dei ti attende il serto:

Andiam.

ACTO QUARTO

A praia

SCENA I.

À esquerda vê-se o atrio de um templo indiano, e á direita um palacio ; no fundo, monumentos sumptuosos.

Selika, Nelusko, o Grão-sacerdote de Brahma,
outros sacerdotes e indios de varias castas.

(Marcha cortejo e dança)

O grão-sacerdote de Brahma (a Selika). Nós jurámos por Brahma, por Visnú e Siva, os deuses a que o Indostão só adora, fidelidade á filha dos nossos reis. *(Todos se prosttram perante a rainha).*

Nel. E pela nossa mãe Selika coroada, jura tambem, bem o ouvis, de manter as leis, e jura-o por este livro santo, que foi depositado por Deus no sacro templo.

(Um sacerdote apresentando-lhe um livro de ouro)

Sel. *(pondo a mão sobre o livro).* Eu o juro.

Nel. E que jamais, tu o juraste, nenhum estrangeiro profanará com a sua presença impura o sacro solo da nossa patria!... Rainha, o sagrado gladio a todos decapitou.

Sel. Ceus!... a todos?... *(buscando esconder a sua commoção).*

Um sacerdote *(baixo a Nelusko)* Um só, que no purão tinham acorrentado, um só respira.

Nel. *(á parte)* Ah! Guido... talvez! *(baixo ao sacerdote)* Corre, e que seja immolado tambem no mesmo instante *(o sacerdote parte).*

Grão-Sacerdote *(a Selika convidando-a a entrar no templo).*

Sobre o altar dos deuses te aguarda o sceptro ; vamos,

Nel. Noi pure ti seguiam, regina.

(Selika ed i Sacerdoti entrano nel tempio: intanto odesi un gran tumulto in lontananza)

Qual rumore!

Un Sac. (accorrendo) De' barbari le donne
Vengon tratte al supplizio.

Nel. Là sotto al manzanillo, *(ai soldati)*
Dall'ombra fresca e nera
Che copre la riviera,
Si debbon trascinar...
Credendo ivi trovar
Un riposo tranquillo,
Troveran col sopor
Della morte l'orror.

(i Sacerdoti partono: egli pure entra nel tempio)

SCENA II.

Guido seguito da alcuni soldati

Gui. (ammirando attonito quanto lo circonda)

Mi batte il cor... O spettacol divin!...

Sognata terra, ecco, ti premo alfin!...

O Paradiso dall' onde uscito,

Fiorente suol,

Splendido sol,

In voi son io rapito!...

Tu m'appartieni, o nuovo Mondo:

Alla mia patria ti posso offrir!...

Nostro è questo terreno fecondo,

Che l'Europa può tutta arricchir!...

Un sogno più non è...

Esso appartiene a me!

SCENA III.

Guido, Bramini e Soldati

Coro (circondando e minacciando Guido)

Freme il Dio corucciato nel ciel:

Solo il sangue lo puote placar...

Dee morir, dee morir l'infedel,

Ch' osò, il suol de' nostr' avi toccar!

Nel. Também te seguimos, rainha. (*Selika e os sacerdotes entram no templo: no entanto ouve-se tumultuoso ruído ao longe*) Que rumor é este?

Um sacerdote (*correndo*).

São as esposas dos barbaros que caminham para o supplicio.

Nel. La, debaixo da mansanilha (*aos soldados*) que com a sua sombra funesta e negra cobre a praia, devem expirar. Julgarão ahí encontrar um repouso tranquillo, e encontrarão com o turpor toda a hediondez da morte. (*Os sacerdotes partem. Também Nelusko entra no templo*).

SCENA II.

Guido, seguido de alguns soldados.

Gui. (*admirando attonito tudo que o circunda*). Pulsa-me o coração!... Ó espectáculo divino!... Sonhada terra, eis-te emfim diante dos meus olhos. Eu te toco com os meus pés. Ó paraizo nascido das ondas, florescente solo, allumiado por um astro esplendido, todo eu me arrebatto em tanta belleza. Tu me pertences, ó novo mundo, á minha patria posso emfim offerecer-te! É nosso este terreno fecundo, que a Europa toda pode enriquecer. Não é um sonho... esse só foi meu.

SCENA III.

Guido, brahmanes e soldados

Coros (*circundando e ameaçando Guido*) Irrita-se Deus indignado nos ceus; unicamente sangue o propiciara; deve morrer, deve morrer o infiel que ousou pisar a terra da nossa patria.

Gui. Che dicon mai?... Morir, morir sepolto
 Nel mio trionfo istesso!
 Senza che nulla resti, onde il mio nome
 Vada superbo alla posterità?...
 No, questo non sarà!

(supplichevole agli indiani che lo minacciano)

Deh, ch'io ritorni alla mia nave,
 Di cui la vela veggo ondeggiar:
 Ch'io dica a lor non vi sia grave,
 Che i sogni miei già s'avverâr.

(con energica alterezza)

Che l'Europa e la mia patria
 Almen sappiano, che qui
 Guido giunse vincitor;
 E che ucciso qui perì...

Ma sia salvo almen l'onor!

(tornando a supplicare)

Ah, perchè la mia memoria
 Voler struggere così?

A voi bastino i miei dì:

Rispettate la mia gloria!

Coro Non v'è pietà!... Sì, dee cader
 Questo stranier!

Gui. Tutti i martir che il furor vostro accoglie
 Hanno per me minore crudeltà...
 Esso è morir due volte, insieme perdere
 Vita e immortalità!

(vedendoli inesorati si abbandona ad essi)

Ebben, si mora da cristian, da forte.

Dio, m'accogli nel sen... Andiamo a morte!

(I soldati levano la scure su Guido in atto di ferirlo)

SCENA IV

Selika seguita da **Nelusko**, dal **Gran Bramino**
 e da tutta la **Corte** e Detto

Sel. *(dall'alto della gradinata del tempio ai soldati)*
 Arrestate!

(alla voce di Selika tutti depongono le armi)

Gui. Que dizem?... Morrer, morrer sepultado no meu proprio triumpho, sem que nada permaneça, onde o meu nome vá soberbo á posteridade?! Não, isto não póde ser. (*supplicando aos indios que o ameaçam*) Ah! permitti que volte ao meu navio, cujas velas d'aqui avisto a ondear. Deixae que eu diga aos meus, que os meus sonhos se confirmaram. (*com energica altivez*) Ao menos saiba a Europa e a minha patria, que Guido aqui chegou vencedor, e que, assassinado, aqui expirou. Mas salve-se, quando mais não seja a honra. (*de novo supplicando*) Ah! porque querem anniquillar assim a minha memoria? Não lhes bastam os meus dias? Respeite-me a gloria.

Coro. Não póde haver piedade!... Sim, deve morrer este estrangeiro.

Gui. Todos os martyres que o vosso furor tem victimado, soffreram menos crueldade que eu, porque eu morro duas vezes; junto perco vida e immortalidade. (*vendo-os inexoraveis entrega-se a elles*) Pois bem; morrerei chistão, e como soldado. Meu Deus, recebe-me no vosso seio... Vamos, caminhemos á morte. (*os soldados levantam as espadas sobre Guido, em acção de o ferir*)

SCENA IV

Selika, seguida de **Nelusko**, do **Grão Sacerdote de Brahma** e de toda a côrte, e os ditos

Sel. (*do alto da balaustrada do templo aos soldados*)
Detenham-se.

(*A voz de Selika, todos abatem as armas.*)

Gui. (*vedendola*) Selika!

Nel. (*sottovoce a Selika*)

E sottrarlo alla scure ancor vorresti?

G. B. Sfidar per un stranier le patrie leggi, (*a Sel.*)
Ch'ai piedi dell'altar hai tu giurato?

Coro (*fremendo*) Sì, morte a gli stranier:
È di Brama voler!

G. B. La legge s'obbedi: fino alle donne
Ognun colpito fu!

Gui. (*con desolazione*)

Inez!... tu non sei più!...

(*presentandosi arditamente innanzi ai soldati*)

Ferite pur!

Sel. (Crudele!)

G. B. Perisca lo straniero! (*ai Bramini*)

Sel. (*pigliando Guido per mano*) E se quest'uomo
Stranier non fosse? (*al Gran Bramino*)

Gui. (*meravigliato a Sel.*) Che vuoi dir?

Sel. (*sottovoce a Guido*) Silenzio...

E a me concedi di salvarti ancor...

E quindi mi cancella dal tuo cor!

(*ai sacerdoti e al popolo con sicurezza*)

Se mai per sorte strana

Foss'ei nostro fratello?...

Coro O ciel!

Sel. E se il destin con nodi eterni,
Che scioglier non si ponno,
L'avesse unito a me?

Nel. (Dio! che mai dice?)

Sel. Sì, la vostra sovrana,
Schiava in terra lontana,
Ebbe salvi da lui vita ed onore.
E la mia man, tu il sai, (*a Nelusko*)
Ne fu la ricompensa.

Nel. Io!... che...

Sel. (*sottovoce a lui*) Tu sol mi potresti smentir:
Ma, bada ben, s'ei muor, voglio morir!
(*ad alta voce a tutti, guardando fissa Nel.*)

Popolo, al tuo cospetto

Nelusko può tutto attestare ancor.

Gui. (vendo-a) Selika !

Nel. (baixo a Selika) Subtrail-o á morte ainda tentarás ?

Grão-Sac. Desafiar assim, por um estrangeiro !... as patrias leis que jurastes junto do altar ? !...

Coro. (irado) Sim, morte ao estrangeiro : é a vontade de Brahma.

Grão Sac. Que as leis se cumpram : todos foram imolados, sem que se exceptuassem nem as mulheres.

Gui. (afflicto) Ignez!.. tambem tu já não existes ! (apresentando-se ousadamente diante dos soldados) Firam pois !

Sel. (áparte) Cruel !

Grão-Sac. Pereça o estrangeiro ! (aos brahmanes).

Sel. (pegando na mão de Guido) E se este homem não fosse estrangeiro... (ao Grão-Sacerdote).

Gui. (maravilhado a Selika) Que queres dizer ?

Sel. (baixo a Guido) Silencio... e permite que te salve ainda, e depois cerra me de todo o coração (aos sacerdotes e ao povo com segurunça). Se por um acaso singular elle fosse nosso irmão ?...

Coro. Ó ceu !

Sel. E se o destino, em nós indissolueis, o houvesse unido a mim ?

Nel. (áparte) Deus ! que dizes ?

Sel. Se á vossa soberana, escrava em longes terras, lhe fosse salva por elle a vida e a honra, e a minha mão (tu bem o sabes) (a Nelusko) fosse de tudo a recompensa ?

Nel. Eu ?... o quê ?

Sel. (baixo a Nel.) Só tu me podes desmentir ; mas pensa bem, se elle morre, tambem eu morrerei. (Alto a todos, fitando Nelusko) Povo, na vossa presença póde Nelusko tudo attestar.

G. B. Egli lo dee giurar
 Ai piedi dell'altar
 E sovra il libro d'or!

(Ad un cenno del Gran Bramino un sacerdote va a prendere il libro sacro su cui prima Sel. aveva prestato giuramento)

Nel. *(solo in disparte oltremodo commosso)*

*(Averla tanto amata;
 E in questo di fatal,
 Io stesso l'avrò data
 In braccio al mio rival!*

(incontrando uno sguardo di Sel.)

Ancor tal sacrificio !...
 Orribile supplizio
 Or deggio, oimè subir !
 Ebben, dacchè mi lice,
 Vo' farla ancor felice...
 Potrò per lei morir !)

Coro *(fra loro scorrendo sottovoce guardando Nel.)*

Incerto, confuso Nelusko vacilla :
 Lo sguardo commosso di pianto gli brilla.
 Qual causa funesta - le labbra gli arresta ?

(avvicinandosi a Nel, e interrogandolo)

Oh, parla, Nelusko, ciascun qui ten prega :
 Neppur di Selika la voce ti piega ?

Sel *(sottovoce a Nelusko supplichevolmente)*

Con un tuo detto solo
 Tu termini il mio duolo...
 Non vedi il mio tormento?...
 Pronunzia un solo accento !...

(Ei piange !)

Coro Giura ! *(presentandogli il libro sacro)*

Nel. *(oppresso)* *(Ah !)*

Coro Giura !

Nel. *(facendo uno sforzo estremo)* Ebben, lo giuro,
 Giuro su la mia fè,

Ch'essa già l'ama... e che suo sposo egli è !

(dopo questa confessione disperatamente)

*(O folgor su me piomba ;
 Si schiuda a me la tomba :*

Grão-Sac. Deve-o jurar sobre os altares, em cima do livro de oiro.

(A um aceno do Grão-Sacerdote trazem o livro sagrado).

Nel. (*á parte, e vivamente abalado*) Havel-a eu tanto amado, e ser eu proprio, que n'este dia fatal a entregue nos braços do meu rival!... (*Encontrando o olhar de Selika*) Ainda mais este sacrificio!... Horrivel supplicio sou eu agora que o desejo padecer! Embora: visto que me é permitido, fal-a-hei ainda feliz. Morrerei por ella.

Coro (*entre si; baixo, olhando para Nelusko*) Incerto, confuso, Nelusko vacilla. No olhar afflicto o pranto lhe brilha. Qual será a causa funesta que os labios não manifestam? (*Avizinhando-se d'elle e interrogando-o*) Falla, Nelusko, cada um de nós t'o pede. Não te constranjam os rogos de Selika.

Sel. (*baixo a Nelusko e supplicante*) Só com um dito teu podes acabar com a minha tribulação. Não vês o meu tormento? Dize uma unica palavra. Elle chora?...

Coro. Jura!...

(Apresentando-lhe o livro aberto.)

Nel. (*oppresso*) Ah!

Coro. Jura!

Nel. (*fazendo um esforço extremo*) Pois bem... juro-o; juro-o pela minha fê, que ella já o amava, e que é seu esposo. (*Depois rompendo em exaspero*) Um raio sobre mim caia; abra-se para mim a sepultura, mas aquelle in-

Ma quell'infame che l' ha rapita
In quella tomba verrà con me!

Vederla a me strappata,

E averla tanto amata,

È sì crudel ferita

Di cui non avvi egual!

Ed io, sol io l' ho data

In braccio al mio rival!...

O Guido, guai per te...

E guai per me!) (*parte rapidamente*)

Coro (*festeggiando Selika e Guido*)

O Brama, o Brama, sia lode a te!

Coppia felice, t' arrida amor:

Regna su noi bēata ognor!

G. B. (*avanzandosi in mezzo a tutti maestosamente*)

Popolo, ascolta la mia voce! I numi

Dell' Indostan, di cui seguiam le leggi,

Vogliono che un sacro nodo

In altro suol giurato

Innanzi a' nostri altar sia consacrato.

Sel. Non temer. (*sottovoce a Guido che si turba*)

G. B. Pria d' andar entro quel tempio,

S' invochino gli dei:

Alla lor santa Trinità temuta

Si cantin gl' inni, che la man di Brama

Scolpì su queste mura.

(*mostrando le iscrizioni che sono sulle pareti del tempio*)

O popolo, ti prostra!

(*Tutti si inginocchiano*)

G. B. e Coro

Brama! Visnù! Sivà! Sia gloria a voi.

SCENA V.

Selika e Guido.

(Guido rimane come assorto in profonde meditazioni ed attonito.)

Sel. (*avvicinandosi a lui e parlandogli sottovoce*)

Il vascel di don Pedro si spezzò...

Gui.

Lo so.

fame, que a rouba, comigo será também sepultado. Ver eu que assim m'a arrebatam, quando a amo tanto, e com tão crua ferida, como ainda nenhum coração sentiu! E ser eu, eu proprio, que a entrego nos braços do meu rival! Ó Guido, ai de mim e ai d'ella!

(*Parte rapidamente.*)

Coro (festejando Selika e Guido). Ó Brahma, ó Brahma, louvores a ti! Par ditoso, amor te sorri! reinae venturosos sobre nós.

Grão-Sac. (avançando para o centro com toda a magestade) Povo, escutae as minhas palavras. Os numes do Indostão, que adoramos, exigem que o sacro nó, n'outro paiz jurado, seja sobre as nossas aras consagrado agora.

Sel (baixo a Guido) Não receies.

Grão-Sac. Antes de entrarmos no templo, invoquemos os deuses. Á santa e temivel trindade se ergam os hymnos, que a mão de Brahma esculpiu sobre estas paredes (*indicando as inscrições das paredes do templo*). Povo prostrae-vos.

(*Todos ajoelham.*)

Grão-Sac. e Coro. Brahma! Visnú! Siva, gloria a vós!

SCENA V.

Selika e Guido

Guido permanece como absorto em profunda meditação

Sel. (aproximando-se d'elle e fallando-lhe baixo). A nau de D. Pedro despedaçou-se...

Gui. Bem o sei.

Sel. Ognun ch' era con lui si trucidò...

Gui. Lo so.

Sel. Ma il tuo legno di qui veder si può :
Dove aspettato sei da' tuoi...

Gui. Lo so.

Sel. L'immen, che a te salvar
Nel tempio là si celebra,
Senza timor tu puoi, Guido accettar.
Un tal solenne giuro
Non costringe che me :
Ma, lo sposo, qual sia, della regina
Liberò rende, e sol signore egli è!...
Da doman forse, anzi da questa sera,
Può sulla mia piroga,
Raggiungendo i suoi fidi,
Fuggir da questi lidi,
Da lui scoperti prima... e conquistati!...
(s'odono nel tempio i canti religiosi)

Gui. Dove son io?... Qual estasi
M' inonda di gioir?...
De' miei sofferti spasimi
Io perdo il sovvenir...
Io veggo un mar di porpora
E di splendor...
Di voluttade angelica
Sento agitato il cor!...

Sel. Ebben, addio! Fuggi da me lontano,
Crudel, colla tua gloria;
A me lascia il dolor!

Gui. A te, regina,
Il dolor? Che mai dici!

Sel. Ah! dunque tu non sai
Che amar, soffrir si può, morir d' affanno
In segreto, tacendo?

Gui. O ciel! che ascolto!...
Per tanto tempo qual error fu il mio!...
Quest' amor che temevi a disvelar?

Sel. Il dispezzo!

Gui. No, no! non bestemmiar!
Di te più bella immagine

Sel. Todos que alli vinham pereceram.

Gui. Não o ignoro.

Sel. Mas o teu navio podes vel-o aqui, lá te esperam os teus.

Gui. Tambem o sei.

Sel. O consorcio, que para te salvar se vae celebrar no templo, podes sem receio acceitar. Tão solemne juramento só a mim obriga, e o esposo da rainha fica livre e senhor da sua sorte. Amanhã, antes d'esta hora, podes sobre a minha chalupa reunir-te aos teus e fugir d'estes climas por ti descobertos primeiro que ninguem... e até conquistados.

(Ouvem-se no templo os canticos religiosos).

Gui. Onde estou eu?... Que extasi me enebria de prazer?... Perco a memoria das minhas angustias! Vejo um mar de purpura e de esplendor! De voluptuosidade angelica sinto agitado o coração!...

Sel. Adeus!... Foge para longe de mim, cruel, com a tua gloria: deixa-me em partilha a dôr.

Gui. A ti, rainha, a dôr?... Que dizes?

Sel. Pois tu ignoras ainda que se póde amar, padecer e morrer de angustia, em segredo e em silencio?

Gui. Ó céu que escuto! Por tanto tempo, como pôde eu desconhecel-o? Esse amor que receiavas confessar?

Sel. Eu o despedaço!

Gui. Não, não! Não blasphemes. Imagem como a tua,

Non ho veduta mai:
 Come del cielo un angelo
 Sempre ti contemplai...
 Del guardo tuo fatal
 Il divorante ardor
 Al par di acuto stral
 Penetró nel mio cor...
 Ed io ti lascerò?
 Non è possibil, no!

Selika! (*volendo abbracciarla*)

Sel. Error fatale! (*ritirandosi*)

Non m' hai veduta forse alla rivale?

Gui. Pietà, pietà di me!

O regina, mi prostro a' vostri piè.

O mia Selika, il tuo perdon... son io

Lo sposo tuo!

Sel. (*con esaltazione*) Che! tuo mio sposo?... Dio!

O trasporto, o dolce incanto,

Cui non regge uman pensier...

Ah, la vita a te d' accanto

Sarà un sogno di piacer!

Gui. Tutte le gioie del paradiso

Mi son serbate sovra il tuo sen.

Sel. Gaudio improvviso,

Supremo ben!...

Mi sento in rapita

Da' baci tuoi; poichè l' amore è vita!

a 2

O trasporto, o dolce incanto,

Cui non regge uman pensier.

Ah! la vita a te daccanto

Sarà un sogno di piacer!

Gui. O Selika, io t'adoro!

Sel. Ah, non lo dir!...

Io mi sento morir!...

Gui. Innanzi al mio

Ed innanzi al tuo Dio,

Sii la mia sposa tu!

jámais contemplei. Sempre te olhei como um anjo do céu. O devorante ardor do teu olhar fatal entrou-me no peito como o abraçador clima da tua terra natal. E hei-de deixar-te? Não é possível, não!

Sel. (*indo para abraçal-o*) Erro fatal... (*retirando-se*) Mas nunca me consideraste como rival *d'ella*?

Gui. Piedade! tende piedade de mim! Ó rainha a teus pés me prostro! Ó minha Selika, o teu perdão... sou eu o teu esposo!

Sel. (*transportada*) Que?... tu o meu esposo?... Deus meu! que me sinto em delirio! Ó doce encanto que não póde dominar o pensamento humano!... Ah! a vida, a par de ti, será um sonho de delicias.

Gui. Todas as alegrias do paraizo me estão reservadas no teu seio.

Sel. Goso imprevisto, supremo bem!... Sinto-me arrebatada ao céu pelas tuas caricias, porque sai mais que a vida.

a 2.

Ó transporte, ó doce encanto, que não póde dominar o pensamento humano. Ah! a vida, a par de ti, será um sonho de delicias.

Gui. Ó Selika, eu te adoro!

Sel. Ah! não o digas!... Sinto-me morrer.

Gui. Diante do meu e teu Deus, és tu a minha esposa,

Sel. Fia ver?... O gioia!...

Ma, pensa ben, quand' io sarò tua sposa,
Diventerò gelosa
Di tutto, o Guido, anche del sovvenir
Di lei che non è più,
E che dovrai dal tuo pensier bandir...
La forza ne avrai tu!

Gui. Sì, presso a te, Selika,
Io tutto scorderò!

Sel. Lo giuri?

Gui. Il giuro.

Sel. Al cospetto del ciel?

Gui. Io ti sarò fedel!

Sel. A me fedel?

a 2

O trasporto, a dolce incanto,
Cui non regge uman pensier...
Ah! la vita a te daccanto
Sarà un sogno di piacer!

Sel. Ah, da me mai più diviso...

Gui. No, Selika, non sarò.

a 2

Ogni ben - del paradiso
Sul tuo sen - io troverò!...

SCENA VI.

Il Gran Bramino, i Sacerdoti ed il Popolo
che escono dal tempio e Detti.

G. B. (alzando le mani sopra Guido e Sel. che s'inclinano innanzi a lui) Divina Trinità,
Tremenda a lo spergiuro,
De' nuovi sposi congiungi il cor:
E nel futuro
Concedi lor
Felicità.

(Le donne circondano Sel.; le pongono in capo una corona di fiori ed un velo: altre formano gruppi intorno a lei)

Sel. É isso verdade?... Ó jubilo! Mas, pensa bem; quando eu fôr tua esposa tornar-me-hei zelosa de todos, ó Guido, e ainda mesmo das lembranças d'aquella que já não existe e que deves banir da tua memoria. Terás força para tanto?

Gui. Sim, junto de ti, minha Selika, tudo esquecerei.

Sel. Jural-o?

Gui. Juro.

Sel. Perante o céu?

Gui. De te ser sempre fiel.

Sel. De me seres fiel?

a 2.

O transporte, ó doce encanto que não póde reger o pensamento humano. Ah! a vida junto de ti, é um sonho de delicias!

Sel. Ah, de mim nunca mais te separarás.

Gui. Não, Selika, nunca.

a 2.

Todas as venturas do paraíso sobre o teu seio encontrarei.

SCENA VI.

O Grão-Sacerdote, os outros sacerdotes e o povo,
que saem do templo e os ditos

Grão-Sac. (*erguendo as mãos sobre Guido e Selika, que se inclinam*) Divina trindade, tremenda para os perjuros, dos novos esposos enlaça os corações, e faz que seus dias futuros sejam ditosos.

(*As mulheres rodeiam Selika, põem-lhe uma corôa de flores na cabeça e um véo: outras formam grupos em volta d'ella.*)

Coro danzato**Coro**

Leggiadri fiori,
 Aure olezzanti,
 De' dolci amanti
 Vi allieti il ben.
 A' loro amori,
 Piante segrete,
 Asil porgete
 Nel vostro sen.

(Guido contempla la regina con amore... tutto ad un tratto s'ode una voce lontana cantare)

Inez *(lontanamente)*

Addio, terra natia...
 Non ti vedrò mai più!

Gui. *(colpito)* È un prodigio... una malia!...
 Questo d'Inez è il lamento...
 O m'inganna forse il vento?...
 Inez, di'... sei tu, sei tu?

(Non potendo più resistere alla sua commozione, Guido si vuol slanciare dalla parte dove s'udì la voce d'Inez, ma un gruppo di donzelle lo arresta e lo conduce verso il palazzo dove s'incammina Selika)

FINE DELL'ATTO QUARTO.

Coro (dançando) Alegres flores, auras perfumadas, dos felizes amantes bafejae o destino. A seus amores e prantos secretos concedei asylo no vosso seio.

(Guido contempla a rainha com affecto. De repente ouve-se cantar uma voz longinqua.)

Ign. (ao longe) Adeus, terra natal, nunca mais te verei.

Gui. (fulminado) Que prodigio este !... Que attracção !...

Esta é a voz de Ignez, ou me enganam os sentidos? Ignez... dize-me?... és tu?... és tu?

(Não podendo já resistir á commoção que o abala, vae para se lançar para o lado d'onde se ouve a voz de Ignez, porém um grupo de donzellas o detem e o conduz para o palacio, para onde se encaminha Selika.)

FIM DO 4.º ACTO.

ATTO QUINTO

SCENA PRIMA.

I giardini della regina.

Alberi tropicali, fiori e frutta : a sinistra l'entrata del palazzo reale.

Selika ed **Inez** in mezzo ai soldati.

Sel. Cielo! sarebbe?... Che! Guido istesso!...
Da lui tradita e ingannata?... Ingrato!
Questi i suoi giuri son?...

Inez (*supplichevolutamente*) Vogliate udirmi!

Sel. (*senza dar retta, immersa ne' suoi torbidi pensieri*)
No, confusa un istante,
Riprendo i dritti miei... Non è la sposa,
Ma la regina, una regina offesa,
Che il tuo giudice fia...
E si vendicherà! (*passeggiando agitata*)

Inez Pietà di lui, pietà!

Sel. E chi d'alzar la voce osa al cospetto
Or della sua sovrana?... (*accorgendosi di Inez*)
Paventa l'ira che frenar non so...
Ch'ei s'allontani sull'istante... Il vo'!
(*ad alcuni soldati che partono*)

Sel. (*volgendosi ad Inez*)
In pria che la vendetta
Prepari il tuo supplizio, t'avvicina,
O schiava, e il ver tutto palesa a me.
Per quale tradimento.
O per qual artificio
Il perfido qui stava accanto a te?

Inez Sol per caso ei si offriva al mio cospetto.

Sel. E commosso, che cosa egli ti ha detto?

Inez Mi dicea che l'imen vi strinse i cor;
Che verso voi - riconoscente,
A giuri suoi - giammai non mente.

Sel. E pertanto ei t'ama ancor!

ACTO QUINTO

SCENA I.

*O jardim da rainha. Arvores tropicaes; flores e fructos :
à esquerda a entrada do palacio real*

Selika e Ignez, no meio dos soldados

Sel. Ceos ! sereis acaso?... O que, pois Guido?... por elle trahida e enganada ! Ingrato ! são estes os seus juramentos.

Ign. (supplicando) Quereis ouvir-me ?

Sel. (sem a attender, arrebatada pela ira) Não, por um instante ao menos, assumo os meus direitos... Não é a esposa, mas a rainha, uma rainha ultrajada, que é agora o teu juiz, e que se vingará. *(passeando agitada)*

Ign. Tende piedade d'elle !

Sel. E quem ousa erguer a voz na presença da soberana? *(chegando-se a Ignez)* Teme a colera que não sei soffrear. Elle que se affaste para bem longe, e já ! Assim o quero. *(A alguns soldados que partem.)*

Sel. (voltando-se para Ignez) Antes que a vingança prepare o teu supplicio, avisinha-te, ó escrava, e a verdade me declara. Por que traição e artificio o perfido estava junto de ti ?

Ign. Só por acaso elle me appareceu.

Sel. E que coizas te dizia, tão commovido ?

Ign. Dizia-me que o consorcio vos uniu para sempre, e que, reconhecido ás juras que vos fez, jámais faltará.

Sel. E comtudo ainda te ama ?

Inez (*supplichevole, cercando calmare l'ira sua*)

Innanzi a voi se ha tal delitto,

Tutto il furor cada su me.

Voi ben ne avete, o donna, il dritto;

Ed io l'imploro a vostri piè!

Sola mia prece è questa...

Quando speranza al mondo più non resta,

A troncar i martir,

Che mi fan guerra in sen,

Meglio è morir...

Ferite! eccovi il sen!

Saria pietà!...

Sel.

E sempre ei t'amerà!

a 2

Inez Ebben, sovr' ambidue l'ira tua piombi!

Sel. Lui ferir! io sua suora e... fida amica.

Ch' a renderlo felice

Avrei data la vita?

(*dopo aver pensato un'istante*)

Ma, se mai, per suo ben, fuggir potessi?

Inez Io lo respingerei, ch' egli è tuo sposo!

Da noi tali ritorte

Franger sol può la morte.

Sel. (Ei la ripiangerà!...

Eterno il mio dolor dunque sarà!

a 2

Un abisso orribile

M' è dinanzi aperto;

E il mio core incerto

Non lo sfuggirà?

Finisca la mia pena,

Si spezzi la catena:

Il ciel mi sosterrà?)

Ign. (supplicante, procurando asserenal-a) Se para nós isto é um delicto, todo o vosso furor caia sobre mim. Tendes, ó senhora, o direito para o fazer, e eu o imploro a vossos pés. É esta a minha unica supplica. Quando nenhuma esperança me reste no mundo para mitigar os martyrios que me lutam no intimo, o melhor é morrer. Feri; eis o meu peito. Para mim é commiseração... Pois bem, sobre ambos recaia a tua ira.

Sel. Feril-o a elle?... eu, sua irmã e... fiel amiga, que por tornal-o feliz daria a vida? (*depois de ter pensado um instante*) Mas, se ainda para seu bem podesse fugir?

Ign. Eu o respeitaria, porque é teu esposo. Entre nós, tal pacto, só o póde quebrar a morte.

Sel. Ella o respeitaria?... Eterna pois será a minha dôr?

a 2

Um abysmo horrivel eu vejo aberto diante de mim, e o meu espirito incerto não lhe fugirá. Acabem-se as minhas penas, despedacem-se as cadeias, que o ceu me perdoará.

SCENA II.

Un promontorio che domina il mare.

Un albero occupa il mezzo della scena

Selika, sola, si avvanza fino sull'orlo del mare
ch' ella guarda in silenzio.

Di qui si vede il mar, immenso interminato

Al par del mio dolor ;

Odo il fiotto ruggir, torbido ed agitato,

Ahimè, come il mio cor.

(avanzandosi verso il manzanillo)

O tempio paventato,

Di frondi ricoperto,

Siccome asilo offerto

A chi sospira al ciel,

Io vengo a te, qual a porto bramato,

L' oblio per ricercar

La calma per trovar ;

Chè l' ombra tua terribile

E l' ombra dell' avel.

(s' avvanza ancora)

Già l' odio m' abbandona :

E disarmato il cor...

Guido, ei ti perdona. .

Addio, fatale amor !

(cogliendo alcuni fiori che pendono dai rami dell'albero)

O ridente color, o fior vermiglio,

Vieni sul sen della sposa novella ;

E l' adorna e l' abbellà

Qual fossi un vago mazzo nuzial.

(guardando il fiore tristamente e poi odorandolo)

Dicon, che il tuo profumo ci rechi un ben fatal :

Per un istante in cielo ne trasporta

E poscia in lungo sonno ci fa quieti assopir :

Come l' amor c' inebria e poi ci fa morir !

(sentendosi come presa da vertigine)

E ver, è ver... La testa greve, confusa io sento...

Ne' miei sensi smarriti qual nuovo rapimento !...

SCENA II.

*Um promontorio que domina o mar. — Uma grande arvore
abrange o meio da scena*

Selika, só; avança para a praia, que absorve silenciosa

D'aqui se vê o mar immenso, illimitado, como a minha dôr. Oiço as vagas rugir, turvas, agitadas, ai de mim, tambem como o meu peito. (*caminhando para a mançanilha*) O' templo sinistro, de folhas coberto, como asylo offerecido a quem suspira pelo ceu! eu aqui venho, como a um porto desejado, buscar o esquecimento e o repouso, porque a tua sombra temerosa é a sombra do sepulchro. (*caminha mais*) Já o odio me abandona, o coração sinto desarmado. Ó Guido, eu te perdo; adeus fatal amor! (*colhendo algumas flôres que pendem dos ramos*) Ó ridente côr, ó flôr vermelha, vem sobre o seio da noiva servir-lhe de adorno, como se fosse o ramo nupcial. (*olhando para as flôres ternamente, e depois cheirando-as*) Dizem que o teu perfume nos traz um bem mortal. N'um instante ao ceu me transporta, e possa um longo somno de todo aquietar-me, como o amor que enebria e depois traz comsigo a morte. (*sentando-se tomada da vertigem*) É verdade!... não ha duvida! Já sinto a mente pesada e confusa... os meus sentidos desfallecidos parecem

(con esaltazione)

O qual delizia
M' inonda il cor !
La tua letizia
E questa, amor.
Divin deliro...
Ecco, ch' io miro
Aprirsi il ciel.

(delirando del tutto)

Quai celesti concenti?... Egli è un prodigio!...
Quale splendor!... Agli occhi miei si schiude
La celeste dimora...

Brama, raggiante sul suo trono, io veggo...

E desso, è il dio supremo!...

Egli mi chiama a sè ;

E le porte del ciel disserra a me,

Su bianca nuvoletta

Un cigno là mi aspetta,

Su carro di cristal.

D' urri leggiadro stuolo

A me vengono a volo

Dal soggiorno immortal..

(come cercando alguno)

Non viene chi m' adora?...
Non m'ama forse ancora?...
No, non mi scorderà!...

(con estrema esultanza)

O dolce mio deliro!...

A me venir lo miro...

È desso, è desso, è qua!...

Ecco egli vien, si affretta,

Su bianca nuvoletta...

Ecco egli ascende... ei vien...

E già ti stringo al sen !!

(cedendo all'immensa esaltazione, cade esanime al suolo)

fugir-me. (*com exaltação*) Oh! qual delicia me innunda o coração! A tua ventura é esta, amor. Dizem delirei, ai que eu vejo abrir-se o ceu. (*delirando de todo*) Que celestiaes concertos!... é um prodigio... aquelle esplendor! Aos meus olhos se descerra a celestial morada... Brahma, radiante sobre o seu throno, eu já avisto. É elle! é o Deus Supremo, que me chama para si, e as portas do ceu abre para me dar entrada. N'uma branca nuvem um cysne lá me espera, sobre um carro de crystal. De espiritos uma jubilosa phalange, para mim dirige o seu vôo, da mansão immortal. (*procurando alguém*) Mas não vem aquelle que me adora?... Talvez já me não ame! Porém, não, não me esquece. (*com suprema exaltação*) O grato meu delirio, para mim já o vejo caminhar! É elle!... é elle!... elle aqui! Eis que elle chega, e se apressa, sobre a alva nuvem. Eis que desce... aproxima-se... já o aperto ao seio!...

(*Cedendo a immensa exaltação, cae por terra.*)

Coro aereo

L'asil beato è qui
Di chi d'amor morì !

*(Selika spira cogli occhi volti al cielo, dove s' ode tuttavia il coro
che pare accompagnar la sua anima.)*

FINE.

Coro aéreo. É aqui o asylo abençoado d'aquelles que morrem de amor!

(Selika expira com o rosto voltado para o ceu, donde se ouve o coro que parece acompanhar a ascensão do seu espirito.)

FIM.

125

Coll. apparently complete:
vii p. (2 l.), [11]-99 p.

DD 2/25/92

(91)

